



## INCLUSÃO PELA EDUCAÇÃO

Mais de 50 mil pessoas foram beneficiadas em 2005 pelas iniciativas da UNESP na área da inclusão social. As ações vão da alfabetização de jovens e adultos à melhoria da formação de professores e do ensino na rede pública, além de bolsas e auxílio-moradia para que alunos carentes se mantenham na Universidade

**Págs. 8 e 9**



A travessia do milênio, Waldomiro de Deus

### Foco no mercado mundial



Pieter Coos

Curso de especialização em Negociações Econômicas Internacionais do Programa San Tiago Dantas tem inscrições abertas até 24 de março

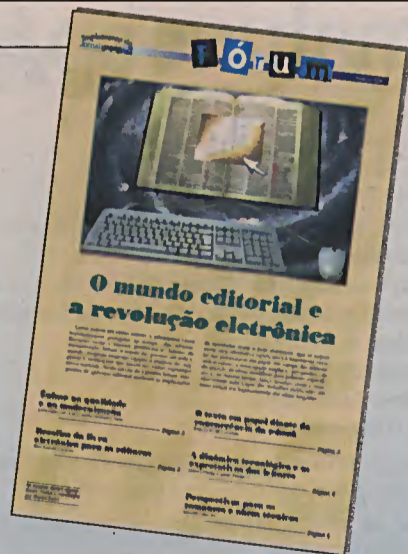
**Pág. 3**

### Grupo de Ilha Solteira produz supercondutor

**Pág. 6**

### Proteína é testada como antiinflamatório

**Pág. 7**



**Caderno discute livro eletrônico**

### A marca da tradução

Análise do livro *O senhor dos anéis* mostra como tradutores imprimem sua personalidade no texto em português

**Pág. 16**



John Howe

# A universidade pública no capitalismo do século XXI

LUIS FERNANDO AYERBE

A universidade, como instituição, não pode ser separada do sistema econômico-social em que está inserida, seja o capitalismo nas suas diversas modalidades, ou o socialismo conhecido. A autonomia busca preservar a instituição de imperativos conjunturais associados a interesses de setores econômicos, políticos ou do poder estatal, criando um ambiente estrutural favorável à circulação de idéias, à divulgação e à produção de conhecimento.

A reforma universitária iniciada na Argentina em 1918 trouxe à tona questões como a separação da igreja, o governo tripartite (docentes, estudantes e egressos), a gratuidade e a liberdade de cátedra. Mas isso não significou autonomia dos requisitos educacionais e científicos da modalidade de capitalismo em gestação. Viviam-se um processo de industrialização, ascensão de classes médias e democratização política que a nova universidade ajudou a fortalecer.

Nos anos 1960, no contexto do chamado capitalismo dependente-associado, há pressões para a reestruturação da universidade, que refletem as políticas da administração Kennedy e Johnson da Aliança para o Progresso. O resultado, no Brasil, é a reforma implementada pelo regime militar em 1968, que se inspira no modelo estadunidense, mas com especificidades, destacando-se o fortalecimento do sistema de financiamento estatal, notadamente na pós-graduação, que lhe confere autonomia para pensar políticas menos atreladas à conjuntura.

Nos anos 1990, como parte das reformas do chamado "Consenso de Washington", as pressões se renovam. Frente ao acirramento da concorrência promovida pela liberalização dos mercados, o foco passa a ser a competitividade e sua mensuração, equalizando padrões de qualidade cuja referência são as economias do capitalismo avançado.

A universidade começa a sentir o peso dessa lógica, com a criação de programas de avaliação de cursos de graduação, como o Provão, e da pós-graduação, com a atribuição de conceitos que premiam ou castigam de acordo com os critérios qualis instituídos pela Capes. Isso se reflete em pressões cada vez maiores para a adequação do trabalho docente, das suas pesquisas e seus produtos.

Mas essa não é uma imposição que vem de fora do sistema universitário. São docentes que ocupam cargos eletivos em departamentos, conselhos de curso de graduação e pós-graduação, colegiados, dire-



Auto-estrada Pearlblossom, David Heckney

torias e reitorias, ou integram comitês de instituições públicas de fomento à pesquisa, que promovem a adaptação da universidade aos novos padrões de concorrência global, sob o apoio (entusiasta ou resignado), de boa parte da categoria.

Joseph Nye, ex-secretário-adjunto da Defesa na administração Clinton, é um crítico do unilateralismo da política externa de George W. Bush, que associa a uma exacerbação do "Poder Duro", ressaltando a importância da revalorização do "Poder Brando", mais eficiente que a coerção: "Um país pode obter os resultados que deseja na política externa quando outros países – admirando seus valores, emulando seu exemplo, aspirando ao seu nível de prosperidade e de abertura – querem segui-lo". (Soft Power: The means to success in world politics. New York: Public Affairs, 2004: p. 5).

Entre os exemplos de poder brando estadunidense, Nye destaca as universidades, instituições que despertam a atração de estudantes e pesquisadores do resto do mundo, que as procuram como exemplo de excelência, retornando aos países de origem

convencidos da necessidade de aderir aos seus padrões.

Nye tem razão. Certamente, a maioria de nós se opõe à política externa de Bush. No entanto, estamos imbuídos no nosso cotidiano acadêmico das concepções que os Estados Unidos, e os demais países do capitalismo avançado, projetam como exemplo de qualidade acadêmica.

Claro que isso não é generalizado. Os posicionamentos no interior da universidade podem ser situados em três categorias. Do lado dos que promovem as reformas, prevalece a emulação meramente adaptativa. Entre os críticos, há aqueles que valorizam a síntese, tendo como referência o

desenvolvimento institucional, incorporando, rejeitando ou adaptando o que vem de fora, e os que assumem uma oposição frontal, que considero predominantemente reativa, já que não deixa claro se a alternativa seria a manutenção do status quo gerado pela reforma do regime militar.

Para concluir, deixo duas questões em aberto para o debate: 1) Se os governos, já não mais ditatoriais, mas eleitos, mantêm a mesma linha de aprofundamento das políticas de liberalização dos mercados, como esperar uma transformação da universidade que siga uma direção oposta ao sistema econômico-social em que está inserida? 2) Sem um projeto de desenvolvimento alternativo, como pensar uma reforma universitária que não seja apenas um conjunto de retoques em busca de maior eficiência?

Luis Fernando Ayerbe é professor do Departamento de Economia da Faculdade de Ciências e Letras, campus de Araraquara, e coordenador do Programa San Thiago Dantas de Pós-Graduação em Relações Internacionais da UNESP, Unicamp e PUC/SP.

## Programas de avaliação da graduação e da pós-graduação comprovam adaptação a padrões de concorrência global

**unesp**

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

**Reitor:** Marcos Macari  
**Vice-reitor e Assessor de Planejamento e Orçamento:** Herman Jacobus Cornelis Voorwald  
**Pró-reitor de Administração:** Júlio Cezar Durigan  
**Pró-reitor de Extensão Universitária:** Maria Amélia Máximo de Araújo  
**Pró-reitor de Graduação:** Sheila Zambello de Pinho  
**Pró-reitor de Pesquisa:** José Arana Varela  
**Pró-reitor de Pós-Graduação:** Marilza Vieira Cunha Rudge  
**Secretário-geral:** Maria Dalva Silva Pagotto  
**Chefe de Gabinete:** Kléber Tomás Resende  
**Assessoria de Informática:** Milton Hirozaku Shimabukuro  
**Procuradoria Jurídica:** Edson César dos Santos Cabral  
**Assessoria de Relações Externas:** Elisabeth Criscuolo Urbinati  
**Diretores das Unidades Universitárias:** Paulo Roberto Botacin (FO-Araçatuba), Iguatemy Lourenço Brunetti (FCF-Araraquara), Rosemary Adriana Chiérici Marcantonio (FO-Araraquara), Cláudio Benedito Gomide de Souza (FCL-Araraquara), Maysa Furlan (IQ-Araraquara), Antonio Celso Ferreira (FCL-Assis), Antonio Carlos de Jesus (FAAC-Bauru), Henrique Luiz Monteiro (FC-Bauru), Alcides Padilha (FE-Bauru), Leonardo Theodoro Büll (FCA-Botucatu), Joel Spadaro (FM-Botucatu), Maria de Lourdes Mendes Vicentini Paulino (IB-Botucatu), Edson Ramos de Siqueira (FMVZ-Botucatu), Hélio Borghi (FHDSS-Franca), Tânia

C. A. M. de Azevedo (FE-Guaratinguetá), Wilson Manzi Júnior (FE-Ilha Solteira), Roberval Daiton Vieira (FCAV-Jaboticabal), Tullo Vigevani (FFC-Marília), Neri Alves (FCT-Presidente Prudente), Amilton Ferreira (IB-Rio Claro), Sebastião Gomes de Carvalho (IGCE-Rio Claro), Johnny Rizzieri Olivieri (Ibilce-São José do Rio Preto), Paulo Villela Santos (FO-São José dos Campos), João Cardoso Palma Filho (IA-São Paulo) e Marcelo Antônio Amaro Pinheiro (CLP-São Vicente)  
**Coordenadores executivos das Unidades Diferenciadas:** Mário de Beni Arrigoni (Dracena), Marcos Tadeu Tibúrcio Gonçalves (Itapeva), João Lima Santana Neto (Ourinhos), Sérgio Hugo Benez (Registro), Messias Meneguette Junior (Rosana), Galdenoro Botura Júnior (Sorocaba) e Elias José Simon (Tupã).



GOVERNO DO ESTADO DE  
**SÃO PAULO**  
 RESPEITO POR VOCÊ

Governador: Geraldo Alckmin

SECRETARIA DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA,  
 DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E TURISMO  
 Secretário: João Carlos de Souza Meirelles

**Jornalunesp**

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - Março/2006 - Ano XX - Nº 209

**Assessor-chefe:** Maurício Tuffani  
**Coordenador de imprensa:** Oscar D'Ambrosio  
**Editor:** André Louzas  
**Redação:** Dênio Maués, Genira Chagas e Júlio Zanella  
**Programação Visual:** J&I Artes Gráficas  
**Colaboraram nesta edição:** Regina Agrella, Rubens Cardia e Sergio Shibuya (fotografia); Daniel Patire (texto e fotografia)  
**Produção:** Mara Regina Marcato  
**Revisão:** Maria Luíza Simões  
**Versão on-line:** Paulo Rocha  
**Tiragem:** 15.000 exemplares

Este jornal, órgão da Reitoria da UNESP, é elaborado mensalmente pela Assessoria de Comunicação e Imprensa (ACI). A reprodução de artigos, reportagens ou notícias é permitida, desde que citada a fonte.  
**Endereço:** Alameda Santos, 647, 4º andar, CEP 01419-901, São Paulo, SP. Telefone (11) 3252-0323. Fax: (11) 3252-0207.  
**Home-page:** <http://www.unesp.br/jornal/>  
**Fotolito e Impressão:** Art Printer Gráficos Ltda.

# Regras do jogo no mercado global

Curso de especialização em Negociações Econômicas Internacionais do Programa San Tiago Dantas, que atrai alunos com diversas formações, tem inscrições abertas até 24 de março

**P**ropiciar condições para que o aluno tenha autonomia intelectual para compreender e atuar melhor no mundo das relações internacionais é o principal objetivo do curso de especialização em Negociações Econômicas Internacionais. Essa opção acadêmica é oferecida pelo Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas, sediado em São Paulo (SP), a partir de uma associação entre UNESP, Unicamp e PUC-SP.

O curso, cuja terceira turma começa em abril, atrai alunos de formação universitária heterogênea. Predominam administradores de empresas e graduados em Relações Internacionais e Direito, entre 23 e 29 anos. A maioria deles atua como assistente e analista de relações internacionais (RI), comércio exterior ou na área de importação e exportação. As inscrições se encerram dia 24 de março (*leia quadro*).

Para Luis Fernando Ayerbe, coordenador do curso e docente da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, campus de Araraquara, a especialização tanto aperfeiçoa profissionais já vinculados à área como oferece base para aqueles que ainda não atuam no setor. “Os pilares do curso são uma formação que combina conhecimentos teóricos e históricos, presença de negociadores da área diplomática, do setor privado e sindical e de ONGs, e exercícios práticos de simulação”, afirma.

## Necessidade de mercado

Docente do curso e gerente de Relações Internacionais da Abef (Associação Brasileira dos Produtores e Exportadores de Frangos), o doutor em Ciência Política pela USP Christian Lohbauer acredita que essa especialização é produto de uma necessidade de mercado. “O curso foi lançado em 2003 com o objetivo de integrar o conhecimento acadêmico à prática de profissionais de mercado para responder à demanda de muitos interessados nos diversos temas da economia, comércio e política internacional”, diz. “Ele se direciona preferencialmente a pós-graduandos em RI, jovens executivos da área de comércio exterior e jornalistas com interesse em comércio internacional.”

Diretor técnico da Abiec (Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne), o médico veterinário Márcio Caparroz, 27 anos, que cursou Negociações Econômicas Internacionais em 2005, acredita que o curso tem uma abordagem completa. “Diversos assuntos da atualidade e várias especialidades são enfocados”, elogia.

Foi exatamente para reforçar os conhecimentos teóricos sobre a área de RI e poder discutir melhor temas atuais com especialistas que Gabriella Dorlhiac, 28 anos, repórter da área internacional do jornal *O Estado de S. Paulo*, se inscreveu, em 2005, para o curso. Entre as atividades, Gabriella destaca as palestras com profissionais do ramo. “Eles mostraram como as negociações realmente funcionam e apresentaram detalhes de procedimentos, informações que não estão nos livros teóricos”, conta. A jornalista também ressalta as simulações de negócios. “Os jogos permitiram que os alunos tivessem uma idéia de como as negociações se dão e da dificuldade de chegar a acordos”, enfatiza.

## Um diferencial

Ayerbe lembra que o gabarito dos professores é um dos principais méritos do curso, que tem o apoio do Instituto de Pesquisas em Relações Internacionais, vinculado ao Ministério das Relações Exteriores, do Ieei (Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais) e do Centro de Estudos das Negociações Internacionais.



“Um curso de especialização que está dentro de um programa como o San Tiago Dantas e tem apoio da Capes, do Ministério da Educação, é um diferencial no mercado de trabalho”, diz.

Neusa Maria Pereira Bojikian, 40 anos, graduada em Administração de Empresas e com especializações em Administração de Empresas e Negociação pela Eaesp-FGV, fez tanto a especialização, em 2004, como o mestrado acadêmico oferecido pelo Programa. “O curso de especialização é muito interessante para pessoas que trabalham na área internacional e lidam, direta ou indiretamente, com comércio internacional”, enfatiza.

Coordenadora do Grupo de Negociação do Conselho Regional de Administração de São Paulo, Neusa é instrutora de treinamento sobre Estratégia de Negociação e, em 2006, será uma das docentes do curso de especialização. “Pessoas que tenham interesse em aumentar a bagagem cultural ou atuar na área, que oferece oportunidades nos âmbitos corporativo, governamental e acadêmico, também serão beneficiadas”, comenta.

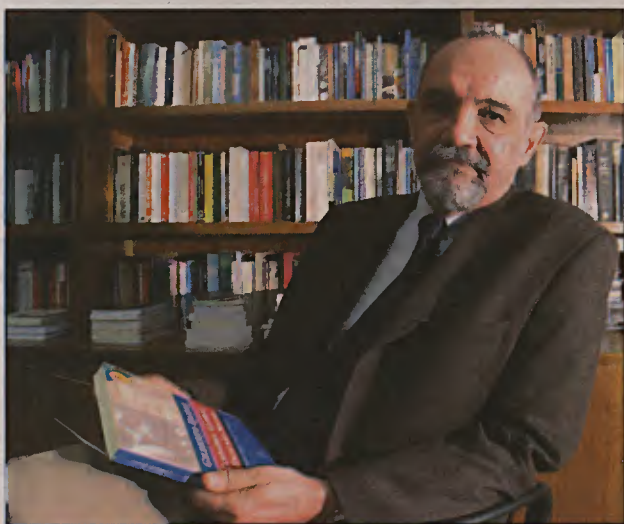
## Visão pragmática

Da mesma maneira que Neusa, Giovana Figueira Herdy Caldeira, 25, foi aluna da turma de 2004 e depois do mestrado acadêmico. Ela assinala que o horário noturno das aulas do curso é ideal para quem tem uma atividade profissional. “É bastante compatível para a maioria dos alunos, que trabalha o dia inteiro”, afirma. “A riqueza das temáticas abordadas e a participação de diplomatas, empresários e acadêmicos enriquece muito o curso”, comenta a formada em RI, que atualmente trabalha como coordenadora de projetos na Eductrade, consultoria espanhola para o desenvolvimento social.

Coordenadora de comunicação do Icone (Instituto de Estudos do Comércio e Negociações Internacionais) e uma das docentes do curso, a jornalista Maria Helena Tachinardi concorda com Neusa. De acordo com Maria Helena, as aulas, ministradas por especialistas, resumem aquilo que é importante em cada tema, de modo que o aluno sai do curso com informações essenciais e atuais. “As aulas permitem um diálogo franco entre professores e estudantes, o que facilita a compreensão das várias vertentes dos assuntos abordados”, comenta.

Também docente do curso, além de coordenador do Gacint (Grupo de Conjuntura Internacional) da USP e presidente do Ieei, que dá apoio conceitual ao curso, Gilberto Dupas acredita que a especialização oferecida por UNESP, Unicamp e PUC-SP se diferencia por ser multidisciplinar e de alta qualidade. “Ela concilia boa fundamentação teórica com uma visão pragmática dos processos que afetam a lógica internacional dos campos econômico, social e político”, conclui.

Oscar D’Ambrosio



Dupas: fundamentação teórica e abordagem pragmática



Ayerbe: formação para profissionais de vários setores



Caparroz: enfoque em assuntos atuais e diversificados

## Inscrições vão até 24 de março

O curso de especialização em Negociações Econômicas Internacionais recebe inscrições até 24 de março. É destinado a profissionais com diploma de nível superior que desenvolvam atividades relacionadas com a conjuntura externa. As aulas têm início em 4 de abril e se estendem até 13 de dezembro de 2006, na Reitoria da UNESP, em São Paulo. As 400 horas do curso serão ministradas de terça a quinta-feira, das 19h30 às 22h30. Inscrições na Praça da Sé, 108, 3º andar; de segunda a sexta-feira, das 10 h às 12 h e das 14 h às 17 h. Informações: [www.unesp.br/santiagodantassp](http://www.unesp.br/santiagodantassp)

(OD)

LINGÜÍSTICA

# Um dicionário do português do Brasil colonial

Carta de Pero Vaz de Caminha - 26 de abril de 1500/Glauco Otávio Castilho Rodrigues



Projeto pioneiro deverá reunir ao longo de três anos cerca de 10 mil palavras do vocabulário do início da história do País

A lingüista e lexicógrafa Maria Tereza Camargo Biderman teve seu projeto de pesquisa “Dicionário histórico do português do Brasil – séculos XVI, XVII e XVIII” aprovado pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). A aprovação do projeto, orçado em R\$1 milhão, ocorreu no âmbito do Programa Instituto do Milênio, iniciativa do Ministério da Ciência e Tecnologia.

Docente aposentada da Faculdade de Ciências e Letras (FCL), campus de Araçuaçu, Maria Tereza explica que a tarefa de organizar um dicionário não é sim-

ples, principalmente quando se trata de montar uma base de dados fundamentada em manuscritos do início da formação do Brasil. Num primeiro momento, a pesquisadora e sua equipe estabelecerão critérios e metodologia para selecionar documentos. “Somente nessa etapa, consumiremos um ano”, explica Maria Tereza, que atualmente é professora colaboradora na pós-graduação da FCL.

A partir desses dados, será organizada uma base informatizada do português do Brasil ou sobre o Brasil dos

séculos XVI, XVII e XVIII. A etapa seguinte será destinada ao estabelecimento de critérios lexicográficos e modelos para a elaboração dos verbetes, ou seja, será feito um planejamento de como as palavras serão apresentadas ao leitor. “Ao final do terceiro ano, deveremos ter um dicionário de cerca de 10 mil palavras”, diz Maria Tereza.

Língua adaptada

Maria Tereza enfatiza que, no início da colonização, o português passou a

adquirir um vocabulário criado em território brasileiro, de acordo com uma realidade física e cultural muito diversa. “Era preciso designar, com palavras do sistema lingüístico português, elementos daquele universo novo, até então não nomeado”, destaca.

Ao propor a elaboração desse dicionário, uma obra pioneira, a docente levou em consideração as lacunas existentes na lexicografia nacional sobre o vocabulário dos primeiros tempos da formação do português brasileiro. A importância da institucionalização desse projeto pelo Instituto do Milênio, segundo a pesquisadora, é que ele poderá ser ampliado à medida que novas etapas sejam concluídas.

Maria Tereza é autora de quatro dicionários: *Dicionário Contemporâneo de Português* (Editora Vozes, 1982); *Dicionário Didático de Português* (Editora Ática, 1998); *Dicionário Ilustrado de Português* (Editora Ática, 2005); e *Dicionário do Estudante* (Editora Globo, 2005).

As instituições parceiras no projeto são a Universidade de Évora, em Portugal (que trabalha em consonância com a Biblioteca de Évora, que possui um importante acervo de documentos referentes ao início da história do Brasil); a USP, campi de São Paulo e São Carlos; Universidade Federal de São Carlos; Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Universidade Federal de Minas Gerais; Universidade Federal do Mato Grosso do Sul e Universidade Federal da Bahia.

Genira Chagas

LITERATURA

## Dissertação focaliza obra de Murilo Rubião

Autor mineiro se destacou com seus contos fantásticos

Apresentada no Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce) da UNESP, campus de São José do Rio Preto, a dissertação de mestrado *A poética fantástica de Murilo Rubião*, de Luciomar Marcasso, analisa os contos que compõem o livro *O pirotécnico Zacarias* (1977), do escritor mineiro. Murilo Rubião (1916-1991) é um nome obrigatório quando se pensa, fala ou escreve sobre literatura fantástica no Brasil. O gênero, em linhas gerais, consiste em criar situações inusitadas, tratadas com normalidade pelos personagens. “Estudei os procedimentos que singularizam Rubião dentro da literatura nacional contemporânea”, afirma Luciomar. Em cerca de 40 anos de literatura, Rubião escreveu 33 contos, distribuídos em sete livros: *O ex-mágico* (1947), *A estrela vermelha* (1953), *Os dragões e outros contos* (1965), *O pirotécnico Zacarias* (1974), *O convidado* (1974), *A casa do girassol vermelho* (1978) e *O homem do boné cinzento e outras histórias* (1990).

Segundo a pesquisa, Rubião inaugura, no âmbito das letras nacionais, um novo olhar sobre a literatura fantástica. Próximo à linha seguida pelo escritor tcheco Franz Kafka, o mineiro apresenta um “Fantástico Naturaliza-



Ilustração feita para o conto “Teleco, o coelhinho”

do”, isto é, uma literatura que elimina o espanto perante o insólito. “Os personagens dos dois artistas são incompreendidos pelo mundo em que estão inseridos”, analisa Luciomar. “A esses personagens não resta outra alternativa senão o sofrimento eterno, pois estão enclausurados às sufocantes engrenagens sociais e presos para sempre às teias das vicissitudes da vida.”

Um exemplo citado pela autora é o conto “Teleco, o coelhinho”, no qual o protagonista, Teleco, transforma-se

em diversos animais durante a narrativa, a fim de tornar-se um homem. Ao final do conto, o coelhinho alcança seu objetivo: transforma-se numa criança. Porém, ela está morta. “A metamorfose representa a eterna busca do homem pela felicidade, mas esse ideal é inatingível”, comenta Luciomar.

Segundo a autora, Rubião chama a atenção pela argúcia construtiva e imaginativa de suas histórias, sempre cíclicas, que dão a falsa impressão de movimento, mas ressaltam uma condição estagnada. “Os fantásticos kafkiano e muriliano não se preocupam em gerar o espanto. Procuram naturalizá-lo, mostrando que o fantástico é a própria existência do homem sobre a terra, nas condições sociais em que ele vive”, conclui. (OD)

MUSEU

## Espaço reúne dados do Vale do Ribeira

Projeto organiza material de estudo sobre região

Em novembro do ano passado, foi inaugurado em Registro, no Vale do Ribeira (SP), o Museu Dinâmico da Mata Atlântica. O objetivo do projeto é reunir, organizar e divulgar informações técnico-científicas que estavam em diversos centros de pesquisa. “Estamos centralizando os trabalhos científicos realizados no Vale do Ribeira e voltados para o estudo dessa região nos últimos 30 anos”, diz a coordenadora do projeto, Eliana Cardoso Leite, da UNESP local.

Do acervo no museu constam livros, teses e dissertações, artigos, CD-ROMs e fitas de vídeo, entre outros. O projeto é financiado pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e tem sala de exposições, ambiente de TV/som, vídeo e centro de informações técnico-científicas.

Eliana explica que o Vale do Ribeira abriga as maiores áreas remanescentes de Mata Atlântica do Brasil. Por outro lado, reúne as condições socioeconômicas mais precárias do Estado. “Queremos que o museu se transforme em um centro de referência para a democratização da informação no Vale do Ribeira”, informa a docente.



Acervo do museu: material vindo de vários centros



ANTROPOLOGIA

# Gilberto Freyre vitoriano

Livro da pesquisadora Maria Lúcia Pallares-Burke mapeia a influência de escritores britânicos na formação intelectual do antropólogo, autor do clássico *Casa-grande & senzala*

Com o lançamento do livro *Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos* (Editora Unesp, 486 páginas), Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke escreve uma biografia intelectual que ajuda a iluminar a trajetória de um dos maiores pensadores brasileiros. Livre-docente pela Faculdade de Educação da USP e pesquisadora associada do Centre of Latin American Studies da Universidade de Cambridge, Maria Lúcia investiga a influência que escritores britânicos como William Butler Yeats e Lafcadio Hearn tiveram sobre o autor de *Casa-grande & senzala*. O trabalho enriquece, ainda, o debate sobre conceitos fundamentais de Freyre, como a definição do Brasil como um país marcado pela miscigenação racial e cultural.

**Jornal Unesp:** Quais aspectos do legado de Gilberto Freyre são mais relevantes para a sociedade brasileira? O que se pode e deve aprender com ele, seja em termos de metodologia ou de visão do Brasil?

**Maria Lúcia Pallares-Burke:** Considerando a discussão de cotas para negros em universidades brasileiras, penso que hoje, mais do que nunca antes desde a publicação de *Casa-grande & senzala*, as idéias de que todos os brasileiros são mestiços, quer étnicos ou culturais, e de que essa mestiçagem é um valor a ser prezado são muito importantes de serem retomadas. Mesmo que essa valorização não tenha tornado realidade o sonho da democracia racial, Peter Fry tem razão quando diz que vale a pena cultivar a “utopia de uma sociedade a-racista”, como um ideal a ser alcançado. Nos anos 1930, a visão do valor do Brasil mestiço, talvez o aspecto mais revolucionário da obra de Freyre, representou para o País um vislumbre de progresso e de desenvolvimento da auto-estima.

A abordagem híbrida e interdisciplinar com que Freyre estudou o Brasil – em que literatura, antropologia, sociologia, história e psicologia têm o seu papel – ainda tem muito a ensinar aos estudiosos da cultura de qualquer sociedade. O historiador norte-americano E. Genovese refere-se à obra de Freyre como um “projeto artístico” em que o conhecimento sociológico se amplia com “insights poéticos”. Arnold Bennett, um dos autores britânicos que Freyre admirou, aconselhava aqueles que queriam formar o gosto literário e se tornar autores a apanhar “a literatura no concreto”, evitando as divisões entre gêneros e ramos literários. Ele também sugeria que o estudioso seguisse sua inclinação e capricho, pois aí estava a fonte da individualidade. Por seguir tais conselhos, Freyre inovou o quadro interpretativo vigente. Acompanhá-lo implica evitar especializações estreitas e enfrentar o objeto de estudo com leituras variadas. É nisso que historiadores como Carlo Ginzburg e Eivaldo Cabral de Mello, por exemplo, se esmeram.

**JU:** Como a leitura de *Casa-grande & senzala* pode ser feita pelo leitor contemporâneo?

**Maria Lúcia:** Eivaldo Cabral de Mello já comparou o que está acontecendo com a obra de Freyre ao que aconteceu com a *Civilização do Renascimento na Itália*, de Burckhardt. Esta, apesar de ter tido pontos contestados, continua uma obra valiosa. Se é verdade que parte do trabalho de 1933 de Freyre ficou datada, ele permanece um clássico que deve ser relido a cada geração. E não estou me referindo exclusivamente ao contexto brasileiro ou latino-americano.

Um dos admiradores de



Maria Lúcia: trabalho enriquece debate sobre miscigenação

Freyre fora do Brasil, Asa Briggs destaca a singular relação que ele fazia entre história visual e história social, sua atitude para com o tempo e o espaço, sua aguda sensibilidade aos cheiros, cores e até barulhos. E, para lembrar uma de suas contribuições teóricas, Freyre, com sua insistência em

tropicalizar os conceitos e teorias sociais, dar espaço para os elementos “subalternos” da sociedade e com a importância que dá ao hibridismo, não somente no sentido de miscigenação, mas também cultural, como que anuncia as idéias desenvolvidas por Homi Bhabha e Gayatri Spivak sobre pós-colonialismo.

**JU:** Existem hoje seguidores ou interlocutores do pensamento de Gilberto Freyre?

**Maria Lúcia:** Todos os que escrevem sobre a cultura brasileira são, num sentido amplo, interlocutores de Freyre. Para mencionar um nome em que a provocação e inspiração freyreanas são visíveis, podemos lembrar Roberto Da Matta. Mas uma escola e discípulos propriamente ditos, Freyre não criou.

A era de um diálogo direto ou de luta acirrada, como aconteceu entre os anos 1950 e 1970, entre a interpretação de tendência marxista sobre a formação social do País (que elegeu o domínio escravo para entender o *ethos* brasileiro) e a interpretação freyreana (que fez da miscigenação o elemento definidor do Brasil) já se foi. Como já foi lembrado por Joaquim Falcão, chegou a hora das vertentes somarem forças para debater o que fomos, o que somos e o que tentaremos ser.

**JU:** Quais foram as surpresas e revelações que a levaram a ter uma visão nova da obra de Freyre?

**Maria Lúcia:** Meu trabalho pode ser descrito como uma biografia desenvolvimentista ou genética que procura seguir Freyre nos anos de sua formação, especialmente entre 1918 e 1933. Valendo-me de cartas, diários, caderno de anotações e um vasto material autobiográfico, bem como das versões originais e modificadas de vários de seus textos, percebi que sua trajetória fora tortuosa e conturbada, e não linear, cumulativa e simplista, como o próprio Freyre quisera fazer crer.

Uma das descobertas que mais contrariam a imagem que Freyre ajudou a produzir de si mesmo diz respeito às dificuldades que ele enfrentou para aceitar as idéias de Franz Boas sobre a diferenciação entre raça e cultura. O que foi apresentado como resultado mais ou menos imediato do seu encontro com o mestre de Antropologia na Columbia University se revelou como um processo penoso de liberação do paradigma racista que Freyre então compartilhava com tantos outros.

Outra revelação foi a importância que tiveram para Freyre o antropólogo brasileiro Edgar Roquette-Pinto e o colega alemão do pensador pernambucano em Columbia, Rudiger Bilden. Eles contribuíram para que Freyre percebesse a falta de fundamentação científica da tese da degeneração dos mestiços e desenvolvesse suas idéias inovadoras sobre o valor da mestiçagem para a cultura brasileira.

Outra surpresa foi descobrir a profundidade da anglofilia de Freyre e o impacto que alguns autores vitorianos exerceram na sua reconciliação com o Brasil, após cinco anos entre Estados Unidos e Europa. Em especial, escritores como John Ruskin, William Morris e outros que chamam de vitorianos antivitorianos – porque se opunham a muito do que era então consagrado e imaginaram uma modernidade reconciliada com as tradições locais e regionais.

Enfim, esforcei-me por buscar o homem Freyre que está por trás das idéias, mas me dei conta de que toda biografia será sempre precária, parcial e, em questões cruciais, talvez irremediavelmente incompleta.



A Redenção de Cê, Mo. Iesta Brocos y Gomes

FÍSICA

# Equipe produz supercondutor

Material supera desempenho de similares nacionais e pode gerar novos produtos eletroeletrônicos

O Grupo de Vidros e Cerâmicas da Faculdade de Engenharia (FE), *campus* de Ilha Solteira, desenvolveu um filme supercondutor que pode originar novos produtos para as indústrias do ramo eletroeletrônico. A novidade garante um bom transporte de energia a baixa temperatura, condição para que um material transmita corrente elétrica sem perdas.

Composto de um material cerâmico à base de bismuto, estrôncio, cálcio, cobre e oxigênio (BSCCO), o supercondutor opera a uma temperatura de 80 K (Kelvin), correspondente a -193 °C (Celsius). Segundo o coordenador do grupo, o físico Cláudio Luiz Carvalho, do Departamento de Física e Química, já existem supercondutores nacionais, feitos de outros materiais cerâmicos, que funcionam bem a 90 K (-180 °C). No entanto, ele acrescenta que, por operar a 80 K, o novo produto tem a vantagem de oferecer uma resistência bem menor ao fluxo de energia. (Leia quadro.)

Para ser considerado um supercondutor, o material não deve praticamente apresentar resistência na transmissão da corrente elétrica. Os condutores à base de cobre – como os fios da rede elétrica –, entre outros metais, possuem essa desvantagem, pois operam à temperatura ambiente e parte da energia se perde com o próprio aquecimento.

**Fluxo de elétrons**

A baixa temperatura de



O supercondutor: eficiência à temperatura de -180 °C

operação do supercondutor favorece a movimentação dos elétrons em pares ordenados, o que permite o deslocamento mais livre dessas partículas. Em um condutor comum, os elétrons se deslocam menos ordenadamente, o que provoca colisões. Com isso, o fio condutor da corrente elétrica se aquece, ocasionando as perdas de energia.

Mais eficientes na transmissão de energia a longas distâncias, os ma-

teriais supercondutores também possibilitam a fabricação de equipamentos menores e mais leves para a indústria elétrica, tais como motores, transformadores e subestações. “Na prática, a aplicação do supercondutor permite uma redução significativa nos custos do setor, pois ele simplifica procedimentos tecnológicos onerosos”, destaca Carvalho.

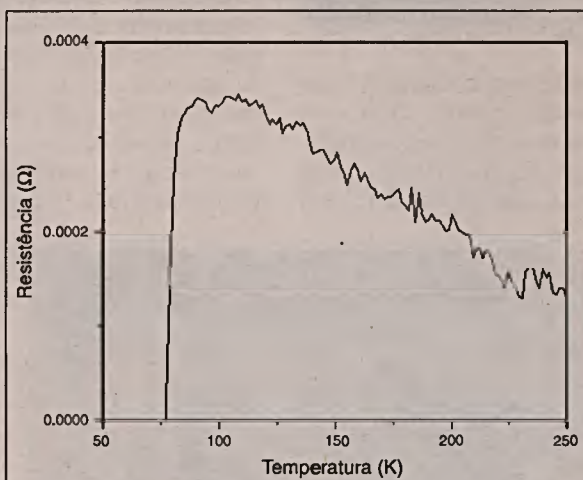


Gráfico da resistência em função da temperatura. Pode-se observar que em torno de 80 K ocorre uma queda muito acentuada da resistência, que tende a zero. Essa queda acentuada ou abrupta é conhecida como transição supercondutora, ou seja, o material passa do estado condutor (semelhante ao dos metais) para o estado supercondutor dos materiais cerâmicos.



A equipe de Ilha Solteira (da esq. para a dir.): Solano, Gonçalves, Peruzzi e o coordenador Carvalho

No Brasil, os estudos para o desenvolvimento de produtos a partir de materiais cerâmicos, chamados de óxidos supercondutores, já começam a avançar em termos de aplicação industrial. “Nossa idéia é tentar aperfeiçoar as películas, para que elas sejam utilizadas em componentes eletrônicos”, destaca Carvalho. A pesquisa recebe o apoio financeiro da Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) e tem a participação dos mestrandos Raphael Otávio Peruzzi e Rudi Solano e do aluno de graduação Eduardo Gonçalves.

**Linhas de pesquisa**

O grupo liderado por Carvalho pesquisa materiais supercondutores desde a década de 1990. Na ocasião, os estudos na área estavam voltados para as pastilhas, igualmente eficientes na condutividade, mas que necessitavam de alguns aprimoramentos. “Atualmente, trabalho com filmes finos totalmente desenvolvi-

dos em nosso laboratório na FE”, orgulha-se Carvalho.

A equipe também tem se dedicado a novas linhas de pesquisa, trabalhando com materiais fotovoltaicos, ferroelétricos e dentários e vidros para aplicações ópticas. Os produtos fotovoltaicos podem transformar energia luminosa em elétrica. “Esses materiais são preparados na forma de filmes, para obter células solares flexíveis e mais baratas do que as atuais”, explica o físico. Os materiais ferroelétricos podem ser usados em dispositivos para memória de computador. Já os vidros com propriedades ópticas são importantes na fabricação de fibras ópticas.

Carvalho faz questão de colocar o laboratório e seus produtos à disposição de empresas nacionais. “Gostariamos de ter uma maior integração com o setor industrial, como ocorre em países como Estados Unidos e Japão”, argumenta.

Genira Chagas

INFORMÁTICA

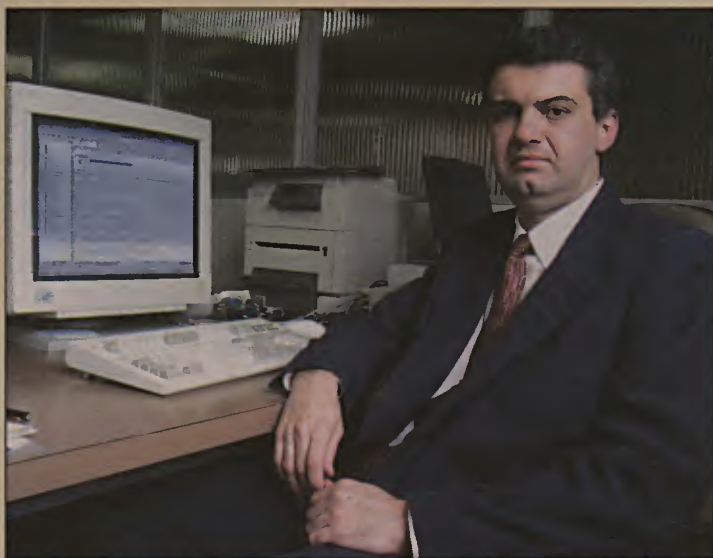
# Rádio combate fraudes eletrônicas

Emissora *on-line* transmite em sistema de *podcasting* e reúne entrevistas sobre segurança na Internet

Foi inaugurada, no final de 2005, a *Security Radio*, destinada a minimizar as possibilidades de fraudes em transações realizadas pela Internet. A rádio é resultado de um projeto idealizado por Adriano Mauro Cansian, docente do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce), *campus* de São José do Rio Preto, com a colaboração de alunos, professores e profissionais da área. A emissora *on-line* transmite áudio em sistema de *podcasting*, mecanismo que permite distribuir o som automaticamente pela Internet, mediante a instalação de um *software* específico ou por um dispositivo MP3 *player* portátil.

Especialista em segurança de rede, Cansian coordena o Laboratório ACME! de Pesquisa em Segurança de Computadores e Redes, que tem como uma de suas propostas básicas a divulgação de informação sobre a diversidade dos crimes eletrônicos e as formas de preveni-los. Um exemplo da relevância desses crimes é o prejuízo causado às instituições financeiras do País, que segundo a Federação Brasileira de Bancos (Febraban) atingiu cerca de R\$ 300 milhões em 2005.

O conteúdo da *Security Radio* é formado basicamente



Cansian: divulgação de informações ajuda a prevenir crimes na rede

de entrevistas com profissionais do setor, como engenheiros, físicos e cientistas da computação. “Acreditamos que esse serviço de divulgação vai contribuir para

alertar a respeito dos crimes digitais e fraudes eletrônicas, que são cada vez mais sofisticados”, comenta Cansian. A rádio já colocou no ar nove entrevistas. A idéia é produzir uma conversa por semana, com assuntos que sejam importantes tanto para o público leigo como para especialistas.

Até o momento, a entrevista mais polêmica foi com Ronan Gaeti, quartanista do curso de Bacharelado em Ciência da Computação do Ibilce, abordando os limites das empresas para garantir a proteção dos seus direitos autorais. O fato que motivou a conversa foi a iniciativa da gravadora Sony de distribuir o *software* denominado Digital Rights Management (DRM) em seus CDs, supostamente para proteger-se contra a pirataria. Mas essa medida, segundo Cansian, poderia expor o cliente da Sony à invasão de intrusos ou à virose de computadores.

O docente explica que o ACME! é um laboratório referência para assuntos de segurança da informação no Brasil. Atualmente o professor coordena o programa do GTS – Grupo de Trabalho em Segurança, do Comitê Gestor da Internet Brasileira.

Acesse [www.securityradio.org](http://www.securityradio.org) para ouvir as entrevistas.

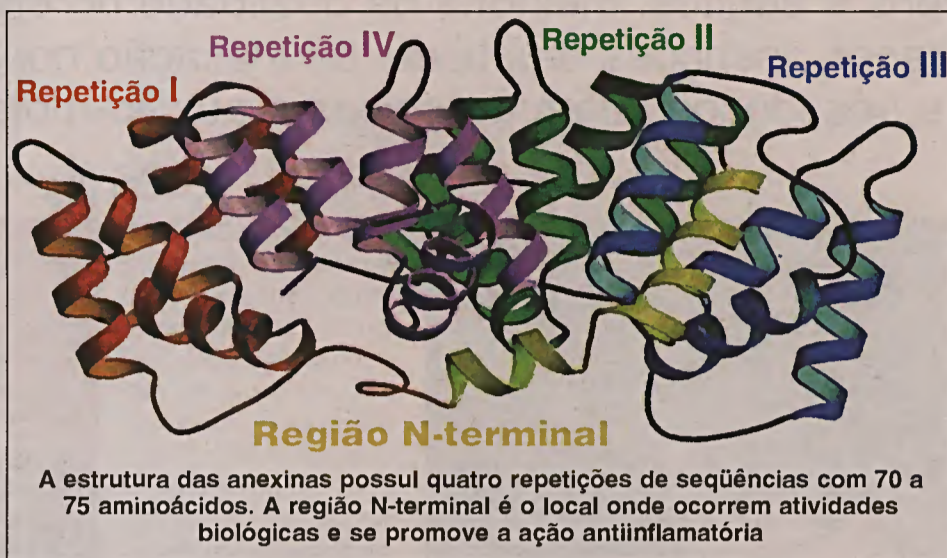
MEDICAMENTOS

# Uma proteína contra as inflamações

Gerada no corpo humano, a anexina-1 evita os efeitos indesejáveis dos antiinflamatórios conhecidos

Uma proteína produzida pelo próprio organismo humano, a anexina-1, pode ser a esperança para o fim dos efeitos indesejáveis provocados pelo uso contínuo de antiinflamatórios, como depressão, hipertensão arterial, fraqueza muscular e osteoporose. Também conhecida como lipocortina-1, ela está sendo testada no *campus* da UNESP de São José do Rio Preto, com eficácia comprovada em diversos processos inflamatórios.

“Os antiinflamatórios são utilizados para o tratamento agudo ou crônico das inflamações, mas seu funcionamento ainda não está totalmente esclarecido e, por isso, essa pesquisa com a anexina-1 é relevante”, argumenta a bióloga Sonia



anexina-1 protegeu os órgãos contra o processo inflamatório. “Se estes resultados forem reproduzidos em rins transplantados, a anexina-1 poderá se tornar uma arma valiosa, já que nestes casos ocorre a oclusão dos vasos sanguíneos, que provoca inflamação do tecido, prejudicando o funcionamento renal tanto no caso dos doadores quanto dos receptores do órgão”, revela Sônia.

**Equipe internacional**

Para confirmar a atuação dessa proteína, os pesquisadores obtiveram uma linhagem de camundongos deficientes na produção do gene da anexina-1. Esses animais apresentaram uma exacerbação da inflamação no peritônio, membrana que reveste órgãos digestivos. “É uma proteína que poderá representar uma alternativa na redução da administração de drogas à base de corticóides ou mesmo ser usada nos casos em que ocorre migração de glóbulos brancos”, prevê a bióloga, que espera, em breve, iniciar os testes clínicos com a nova droga.

se no sangue, o que desencadeia os efeitos colaterais”, esclarece a bióloga.

**Ação da proteína**

A anexina-1 tem função semelhante à dos corticóides. A diferença é que, por ser produzida pelo próprio corpo humano, tem uma ação mais específica e natural na inibição da migração de glóbulos brancos para o tecido inflamado, mantendo, assim, o equilíbrio dessas células no processo inflamatório. “Dessa forma, a possibilidade de efeitos colaterais poderá ser menor”, acrescenta a docente.

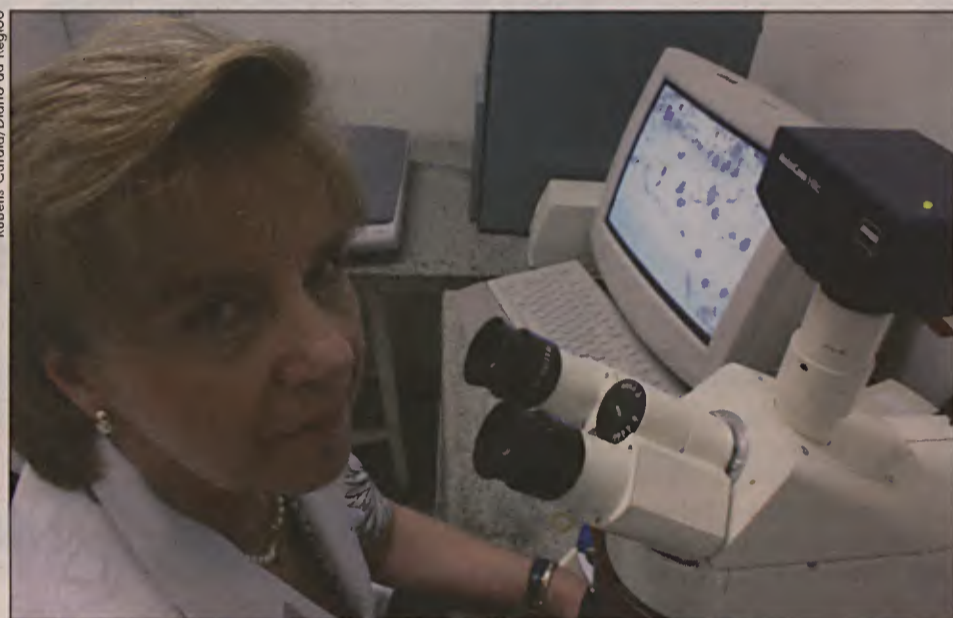
Segundo Sônia, os estudos com a anexina-1 têm obtido importantes resultados, que poderão ter aplicação também nos casos de infarto e transplante. Em ratos, a proteína conseguiu reduzir os danos do processo de obstrução de vasos sanguíneos que irrigam o miocárdio, o músculo do coração. “Após 25 minutos do infarto induzido, a administração da anexina reduziu a migração dos glóbulos brancos dos vasos para o miocárdio e produziu uma significativa proteção contra a lesão cardíaca, o que representa um potencial para a aplicação clínica da proteína”, aponta.

Também nesses animais foi induzida a isquemia renal, fenômeno de obstrução dos vasos que irrigam os rins. De acordo com a bióloga, ao bloquear a migração de glóbulos brancos para a região afetada, a

Sônia desenvolve seus estudos em colaboração com um dos descobridores da anexina-1, Roderick Flower, pesquisador do Instituto de Pesquisa William Harvey, da Universidade de Londres, na Inglaterra. A importância da anexina no meio científico levou à criação de uma revista específica, *Annexins*, de cujo corpo editorial Sonia faz parte, como única representante da América do Sul.

No Ibilce, também estão envolvidos no estudo os pós-graduandos Amílcar Sabino Damazo, Thaís Gastardelo, Tatiana Pimentel, Pierre Sebastião da Silva, os estudantes de graduação Rodrigo Parra Teixeira, Fernanda Castanheira, Leandro Pires Araújo, Esther Cunha e a técnica Rosana Silistino de Souza. Na Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto, participam a pós-doutoranda Ana Cláudia Polli Lopes e os professores Cristiane Damas Gil, Emmanuel Burdmann e Fernando Nestor. No Instituto William Harvey, na Inglaterra, além de Flower, trabalha o pesquisador Mauro Perretti.

Julio Zanella



A coordenadora Sonia: alternativa às drogas à base de corticóides e seus efeitos colaterais

Oliani, coordenadora dos estudos realizados no Departamento de Biologia do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce). “O uso desses antiinflamatórios em altas doses ou por um período prolongado causa muitos efeitos prejudiciais à saúde”, ressalta. Ela cita, como exemplo, os medicamentos usados por pacientes que sofrem de artrite reumatóide, doença ainda sem cura, caracterizada pela inflamação crônica e progressiva das articulações, que atinge cerca de 1,5 milhão de brasileiros.

Os antiinflamatórios mais potentes são os que possuem corticóides em sua fórmula. Estes medicamentos inibem os mecanismos que induzem à inflamação, diminuem o acúmulo de líquido que causa inchaço no tecido inflamado e reduzem a migração de células de defesa – que podem promover a destruição do tecido pela liberação de substâncias inflamatórias. “A ação dos corticóides é muito ampla, atuando não apenas na inflamação, mas também aumentando a concentração de hormônios, sais e glico-

MEDICINA

## Unidade móvel prestará serviço oftalmológico

Ônibus adaptado com dois consultórios beneficiará principalmente escolas de Botucatu e Bauru

A equipe responsável pela disciplina de Oftalmologia na Faculdade de Medicina (FM) está aperfeiçoando seu atendimento à população de Botucatu e de Bauru, com entrada em funcionamento da Unidade Móvel de Oftalmologia. O projeto foi inicialmente elaborado pela docente Silvana Artioli Schellini e vai beneficiar em especial as escolas, com um trabalho de prevenção às doenças dos olhos.

Um ônibus convencional foi adaptado e equipado com dois consultórios para permitir a atuação dos especialistas. A montagem dessa unidade de atendimento, que teve um custo de aproximadamente R\$ 300 mil, resulta de uma parceria entre FM, Famesp (Fundação para o Desenvolvimento Médico Hospitalar), Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), Secretaria Estadual da Saúde e duas empresas privadas que contribuíram com material e serviços técnicos.

Há alguns anos, a médica Silvana, docente do Departamento de Oftalmologia, Otorrinolaringologia e Cirurgia de Cabeça e Pescoço, realiza esse trabalho assistencial nas regiões de Botucatu e Bauru. Antes de contar com o ônibus, porém, ela carregava os equipamentos num veículo particular. “A Unidade Móvel é um antigo projeto, que agora vai facilitar a atuação das equipes médicas”, diz a docente, que tem como meta prestar atendimento a até mil pacientes por mês.

A programação dos serviços será estabelecida pela equipe da UNESP em conjunto com as Unidades Básicas de Saúde, prefeituras e direções de ensino das escolas. A princípio, o ônibus atuará com uma equipe de cinco médicos, voltando-se para atividades de extensão e ensino.

Assessoria de Comunicação e Imprensa da FM



Silvana, que elaborou o projeto: ênfase na prevenção de doenças dos olhos

# A Universidade na luta pela inclusão

Várias ações da UNESP estão voltadas para beneficiar os setores excluídos da sociedade. Entre elas se destacam a alfabetização de jovens e adultos, melhoria da qualidade do ensino e da formação dos professores da rede pública, cursinhos pré-universitários, isenções das taxas de inscrição no vestibular, promoção de atividades junto à comunidade afrodescendente e aos idosos, além de bolsas e auxílio-moradia para alunos carentes da própria Universidade

JULIO ZANELLA

Um dos instrumentos básicos para combater as desigualdades que caracterizam a sociedade brasileira é a educação. Voltada para a produção e difusão do conhecimento, a UNESP contribui para reverter esse panorama com diversas iniciativas, não só garantindo o acesso de milhares de pessoas à alfabetização, como ajudando a melhorar o ensino em escolas de ensino fundamental e médio da rede pública – estimulando, assim, o acesso de seus alunos às principais instituições de ensino superior. Além disso, tem ampliado o número de vagas e apoiado a permanência de estudantes carentes em seus cursos, por exemplo, por meio de bolsas de estudo e auxílios-moradia.



Cursinho de Botucatu: boa aprovação em universidades públicas

Já os programas que investem na atualização de professores melhoram, indiretamente, a formação escolar de milhares de alunos da rede pública. Exemplos expressivos são os Núcleos de Ensino, presentes em 13 campi, envolvendo 120 estudantes de graduação e equipes que aplicam 83 projetos pedagógicos inovadores em escolas de ensino fundamental e médio. O Programa Pedagogia Cidadã é

outra iniciativa bem-sucedida que, nos três últimos anos, formou em Pedagogia 3.650 professores de escolas municipais que não possuíam diploma de curso superior.

A UNESP também está integrada ao Centro de Educação Continuada em Educação Matemática, Científica e Ambiental (Cecemca). Financiado pelo governo federal, com núcleos instalados nos campi de Rio Claro e Bauru, em 2005, o projeto atualizou 130 professores da rede municipal. Para 2006, a meta é que a ação da UNESP atinja 1.000 professores em 30 cidades paulistas. “O ano passado foi dedicado mais à produção de 14 cadernos de material didático para a educação infantil e ensino fundamental e ao projeto piloto”, diz Isabel Castreghini de Freitas, coordenadora do Centro e vice-diretora do Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE), campus de Rio Claro.

## Força para os cursinhos

No caso dos alunos do ensino médio da rede pública, a UNESP também investe em cursinhos pré-vestibulares comunitários, que têm aprovado 51% dos seus integrantes em universidades públicas. Em 2005, instalados em 23 unidades universitárias e com apoio de algumas prefeituras, eles ofereceram 2.365 vagas. A aluna Nara Eliza Marques, de 20 anos, estudou um ano, no cursinho Cuca-Química, que funciona no Instituto de Química, campus de Araraquara, e acaba de passar em Ciências Sociais na UNESP local e em Biblioteconomia, na Universidade Federal de São Carlos (UFSC). “Sem esse cursinho, seria muito difícil eu conseguir uma vaga na universidade pública”, ressalta.

Foram também favorecidos pelo projeto 188 alunos de graduação da UNESP, que receberam bolsa para ministrar as aulas aos vestibulandos. Para se matricular nos cursinhos, o candidato deve comprovar baixa renda familiar, ter estudado na rede pública e passar por um processo de seleção. A mensalidade se limita a uma pequena taxa para despesas com material didático.

Outro obstáculo para o ingresso do aluno carente na universidade pública é a taxa de inscrição para o vestibular. Nos últimos anos, a Fundação para o Vestibular da



Os lares, Fernando Léger

UNESP (Vunesp) tem isentado dessa taxa os egressos da escola pública comprovadamente carentes. Desde 2000, o número de isenções passou de 12,9 mil para 33,8 mil. “É cada vez maior a quantidade de alunos da rede pública que têm a chance de fazer a prova”, diz o professor Fernando Dagnoni Prado, diretor acadêmico da Vunesp.

## Ajuda ao aluno

Mas não basta facilitar o acesso aos mais pobres, se eles não tiverem condições financeiras para se manter na universidade. Em 2005, o Programa UNESP de Apoio ao Estudante (PAE) ofereceu 1.772 bolsas para alunos com baixa renda familiar e aos engajados em atividades de extensão. No Programa de Moradia Estudantil, mais de 1.370 alunos em 17 campi receberam o chamado auxílio-aluguel – que envolve bolsas e vagas em moradias estudantis ou em casas alugadas.

Dalila Foschiani, aluna do 3º ano de Engenharia Florestal da Faculdade de Ciências Agrônômicas, campus de Botucatu, recebe a bolsa PAE. Natural do município de Nova Europa (SP), filha de pedreiro e professora, ela não poderia estudar em outra cidade, sem esse auxílio. “Disponho também da moradia estudantil da UNESP e tenho um irmão que cursa Engenharia Civil em Bauru que também recebe a bolsa”, lembra.

Embora o número de bolsas tenha aumentado, elas atendem apenas a 50% dos pedidos. A explicação pode estar no próprio resultado das ações de inclusão social na Universidade. De acordo com dados da Vunesp, entre 2000 e 2005, o contingente de alunos provenientes de famílias que vivem com até cinco salários mínimos passou de 15,7% para 34,2% dos matriculados na UNESP. Já a porcentagem de provenientes do ensino médio da rede pública foi de 38%, em 2005.

Mesmo sem receber verba específica para esse fim, no ano passado, a UNESP gastou R\$ 5,3 milhões da quota-parte do ICMS entre todos os

benefícios para os alunos. O vice-reitor e assessor-chefe interino da Assessoria de Planejamento e Orçamento (Aplo), Herman Jacobus Cornelis Voorwald, considera complexa a solução para atender a essas demandas, frente ao crescimento do contingente de alunos carentes, em um contexto de orçamento cada vez mais apertado. “Mesmo assim, a UNESP destina 5% do seu orçamento para o custeio à assistência estudantil”, observa. “Se for concretizada a transferência para o Estado da responsabilidade pelas aposentadorias dos servidores, que hoje representam 28% do total da folha de pagamentos, e do atendimento médico no Hospital das Clínicas de Botucatu, a nossa expectativa é destinar mais recursos à assistência estudantil nos próximos anos”, comenta Voorwald.

## Portas abertas para a sociedade

Projetos visam aumentar a inserção de negros e idosos na Universidade

Dois iniciativas institucionais são exemplos do esforço inclusivo da UNESP: o Núcleo Negro da UNESP para Pesquisa e Extensão (Nupe) e a Universidade Aberta à Terceira Idade (Unati).

Criado em 2000, o Nupe desenvolve pesquisas e atividades de extensão junto às comunidades afro-descendentes. Hoje, reúne 90 pessoas, entre docentes, alunos e pesquisadores nos campi de Araraquara, Assis, Bauru, Marília, Presidente Prudente e Franca. “As ações afirmativas junto à população afro-brasileira minimizam as enormes distorções sociais existentes no País”, destaca o coordenador do Núcleo, Dagoberto José Fonseca, da Faculdade de Ciências e Letras (FCL), campus de Araraquara.

Uma das atividades do Nupe, em 2005, foi a orientação educacional de 60 alunos negros do ensino médio de Araraquara, a fim de prepará-los para o ingresso na universidade pública. O trabalho de tutoria foi desenvolvido por graduandos afro-descendentes da UNESP, que receberam bolsas de estudo. Já o programa de prevenção e tratamento de saúde bucal implantado pelo professor Luiz Geraldo Vaz, da Faculdade de Odontologia (FO), atendeu 50 crianças afro-descendentes de um bairro da cidade. O núcleo acaba de receber uma verba de R\$ 200 mil do MEC para ampliar a ação desses projetos em 2006.

O Nupe possui também convênios com universidades no Exterior. Em 2005, por sua pesquisa sobre a inserção dos negros no mercado de trabalho, Thais Martins, quar-

## Grupo analisa iniciativas da UNESP

Documento destaca que ações não resolvem todos os problemas

Um documento elaborado, no ano passado, por integrantes do Conselho Universitário analisa positivamente as ações de inclusão social da UNESP. O relatório foi assinado pelas pró-reitorias de Extensão, Maria Amélia Máximo de Araújo, e de Pós-graduação, Mariza Vieira Cunha Rudge, pelos docentes Neri Alves (Presidente Prudente) e Vandêi Pinto da Silva (Marília) e pelo servidor Aurélio Teixeira da Silva (Rio Claro).

Depois de reconhecer que o acesso à educação no País tem sido reservado às elites, o grupo salienta que o melhor caminho para a diminuição das desigualdades está no investimento em programas de educação continuada para professores do ensino infantil, fundamental e médio. “A maior barreira para o ingresso no ensino superior gratuito está nas carências educacionais”, diz o relatório. Outra saída apontada no documento é aumentar as vagas no ensino superior gratuito.

Os integrantes do CO destacam os programas de alfabetização e de formação de professores, a isenção de taxas de inscrição para o vestibular e a criação de cursos noturnos acima dos percentuais exigidos por lei,

como algumas das ações adotadas pela UNESP que têm contribuído para inclusão social. Enfatizam que os programas de bolsas e auxílio-moradia para alunos de graduação com baixa renda familiar atingem hoje cerca de 3 mil estudantes – quase 10% do total do corpo discente da Universidade.

A comissão reconhece que as iniciativas para inclusão social que envolvem o sistema universitário, vindas do Legislativo Federal e Estadual, são bem-vindas, desde que assegurem também os recursos orçamentários para a sua implementação, além de respeitar a autonomia das universidades.

Os representantes do CO salientam, ainda, que medidas de inclusão serão sempre paliativas, se as ações governamentais para assegurar alimentação, moradia, saúde e educação não incidirem desde a infância. Eles ressaltam que a universidade tem seu compromisso de produzir conhecimento e formar recursos humanos, “mas não tem o papel de solucionar todos os complexos problemas que contribuem para a exclusão”.

(JZ)

## Iniciativas externas e internas – 2005

Cerca de 50 mil pessoas foram beneficiadas por ações de inclusão da UNESP, em 2005, seja entre a população menos favorecida, seja entre alunos carentes da rede pública e da própria Universidade

Projetos e programas	Público-alvo	Número de beneficiados
Alfabetização Solidária (PAS)	Jovens e adultos analfabetos e de baixa escolaridade	2.907
Projeto UNESP de Educação de Jovens e Adultos (Peja)	Analfabetos ou pessoas com atraso escolar	1.053
Pedagogia Cidadã	Professores da rede municipal de ensino fundamental e médio	3.650
Cecemca	Professores de matemática e ciências da rede pública	130
Cursinhos pré-vestibulares	Jovens carentes oriundos de escolas públicas	2.365
Isenções de taxas do vestibular Vunesp	Vestibulandos carentes	33.898
Núcleo Negro da UNESP para Pesquisa e Extensão (Nupe)	Bolsistas afro-descendentes, alunos da rede pública e crianças e jovens afro-descendentes	160(*)
Universidade da Terceira Idade (Unati)	Idosos e servidores	4.500(*)
Programa de Moradia Estudantil	Alunos carentes que estudam longe de suas residências	1.370
Bolsa de Apoio ao Estudante (PAE)	Estudantes de graduação de famílias de baixa renda.	1.058

(\*) Números aproximados.

## Inclusão na UNESP – 2005

Alunos dos cursos de graduação

UNESP	2000	2005
Oriundos da rede pública de ensino	39%	38%
Renda familiar até 5 SM	15,7%	34,2%
Afro-descendentes (pretos e pardos)	12% (*)	17%
Isenções de taxa de inscrição do vestibular	12.983	33.898

(\*) Dado de 2003, ano em que esse item começou a ser pesquisado.

Fonte: Vunesp

## Melhoria do ensino

O Projeto de Educação de Jovens e Adultos (Peja), criado em 2000 por iniciativa da própria UNESP, reúne docentes e alunos de Letras e Pedagogia de sete campi e alfabetizou 1.053 pessoas no ano passado. “O Peja assegura ao educando o direito de aprender continuamente até ter condições de passar para os níveis avançados, como os de 5ª a 8ª séries”, observa a coordenadora-geral do projeto, Maria de Fátima Furlanetti, da Faculdade de Ciências e Tecnologia, campus de Presidente Prudente.

A aposentada Benedita Gonçalves, de 76 anos, frequentou o Peja em Marília. “Em um ano, tendo aulas todos os dias, aprendi a ler e escrever”, avalia. No ano passado, 80 alunos participaram do programa no município. “Nossa intenção não é simplesmente acabar com o analfabetismo, mas proporcionar a continuidade dos estudos e articular nossas atividades pedagógicas com a pesquisa”, diz um dos docentes do programa, José Carlos Miguel, que também leciona na Faculdade de Filosofia e Ciências/Marília.



Atividade do Cecemca: apoio à atualização de professores

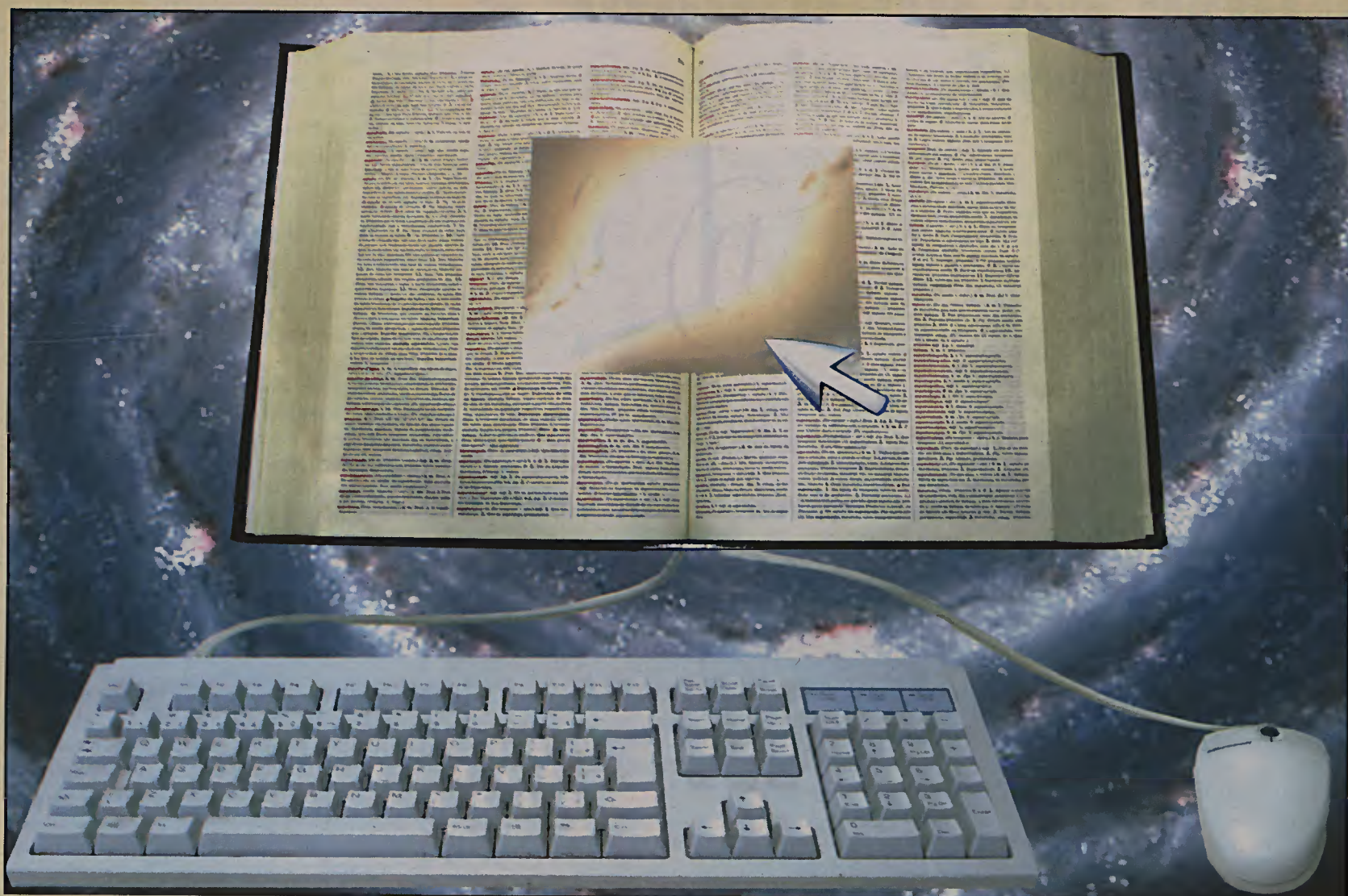


Integrantes da Unati: participação em cursos e oficinas

chuan. As atividades também podem ser usufruídas pelos servidores da UNESP de qualquer idade.

A dona-de-casa Thetis Muniz Arcos, de 80 anos, é uma das alunas do curso de Condicionamento Físico oferecido na Reitoria. Ela já participou dos cursos de Ioga, Inglês e Musicoterapia. “São cursos que fazem a gente se sentir melhor e dão força para enfrentar o resto do dia”, assinala. A coordenadora local, a servidora Vilma Militão, acrescenta que a principal dificuldade do programa, hoje, é encontrar espaço para as atividades nos campi.

(JZ)



## O mundo editorial e a revolução eletrônica

Como ocorre em vários setores, a informática causa transformações profundas no campo das editoras. Recursos como a Internet modificam os hábitos de comunicação, leitura e estudo das pessoas em todo o mundo, exigindo respostas rápidas e criativas das empresas e instituições que atuam nos vários segmentos desse mercado. Nesta edição do *Caderno Fórum*, integrantes do universo editorial analisam as implicações

de novidades como o livro eletrônico, que se coloca como uma alternativa significativa à hegemonia secular das publicações em papel. No campo das editoras universitárias, a nova opção amplia as perspectivas de divulgação de obras científicas para públicos específicos e, ao mesmo tempo, lança desafios como o reconhecimento pela Capes dos trabalhos publicados em meio virtual e o financiamento das obras lançadas.

### Ênfase na qualidade e na modernização

Entrevista com José Castilho Marques Neto

Página 2

### O texto em papel diante da concorrência do e-book

Raúl González Zorrilla

Página 2

### Desafios do livro eletrônico para as editoras

Rita Barradas Barata

Página 2

### A dinâmica tecnológica e as expectativas dos leitores

Daniel Pinsky e Jaime Pinsky

Página 4

### Perspectivas para os romances e obras técnicas

Eduardo Blucher

Página 4

As imagens deste Caderno foram criadas e executadas por Daniel Patire

## Ênfase na qualidade e na modernização

**D**iretor-presidente da Fundação Editora da UNESP e coordenador-executivo do Plano Nacional de Livro e Leitura do Governo Federal, que será lançado na Bienal do Livro, a ser realizada em São Paulo, de 9 a 19 de março, José Castilho Marques Neto é doutor em Filosofia pela FFLCH-USP e presidente da Associação de Editoras Universitárias da América Latina e do Caribe (Eulac). Nesta entrevista, ele discute os caminhos do livro tradicional, perante novidades como o livro eletrônico, vendido pela Internet. Ele lembra ainda que, ao longo de sua trajetória pessoal e profissional, verificou que a missão de uma editora de excelência é sempre publicar o melhor possível e se modernizar continuamente para atingir o equilíbrio entre a qualidade editorial e a viabilidade econômica.



Para isso, é preciso aceitar o livro eletrônico como um suporte de vanguarda voltado para as novas gerações.

**CF: Quais os principais problemas do mercado editorial hoje?**

Castilho: Em todo o mundo, há cada vez mais títulos, porém, a tiragem de cada um deles é cada vez menor. Na Espanha, um novo título fica na vitrine, em média, seis dias. Isso significa que o autor demora dois anos para escrever seu livro, mais um ano para publicar e, em menos de uma semana, o produto vai para o depósito. O autor tem a ilusão que será lido, cria-se uma quimera de que há quantitativamente mais leitores e não são poucos os que se iludem, acham que vão conseguir sobreviver no mercado e tentam abrir uma editora.

**CF: Como o livro eletrônico pode auxiliar esse quadro?**

Castilho: É preciso buscar linhas de atuação e trabalhar com os melhores textos produzidos no mundo acadêmico. Se uma obra de qualidade atinge menos de mil leitores, isso não é um problema enquanto produção universitária. A questão, em termos editoriais, é encontrar um suporte economicamente viável para atingir mil, 500, 300 ou 50 pessoas. O livro eletrônico reúne condições

de multiplicar o número de autores que atendem nichos acadêmicos.

**CF: Há perspectivas que isso de fato aconteça?**

Castilho: Hoje o preço do livro virtual é 60% mais baixo do que o publicado em papel. O que não tem no livro eletrônico é a parte gráfica: papel, fotolito e impressão. O restante, que também é caro, como revisão, copidesque, diagramação, inserção e tratamento de imagens e criação de capa, permanece. Há ainda as despesas com os suportes administrativo, comercial e jurídico de uma editora. Quando o livro eletrônico for ainda mais barato em relação ao tradicional, mais autores poderão falar para públicos cada vez mais segmentados. O livro eletrônico, portanto, é uma possibilidade real de equacionar qualidade, custo e viabilidade econômica.

**Cadernó Fórum: Como está a discussão do livro eletrônico dentro do mercado editorial?**

José Castilho Marques Neto: Ainda há um grande desconhecimento sobre as novas tecnologias no mundo editorial, tanto na produção de um livro eletrônico como nas repercussões desse produto. A Câmara Brasileira do Livro, por exemplo, vem discutindo o assunto há um ano. O importante é que se leia um conteúdo editorial de qualidade, seja em papel, código – edição em papel com páginas numeradas, como conhecemos, hoje – ou numa tela de plasma.

**CF: A discussão mais importante, então, não é o suporte, mas o conteúdo?**

Castilho: É preciso alimentar tanto os leitores de hoje como os de amanhã. A universidade tem que evoluir junto com tudo isso. Não podemos esquecer que o livro tradicional foi até hoje o suporte do ensino. Por isso, com as novas tecnologias, a própria pedagogia precisa ser repensada. Vivemos hoje em rede, mas até que ponto isso é um instrumento de ensino? Não consigo dissociar a questão do livro, portanto, da problemática do ensino nas universidades.

**CF: O que o livro eletrônico representa hoje em termos de mercado?**

Castilho: Os dados que temos apontam que a venda do livro eletrônico é em torno de 0,5% no mercado americano, mas as compras e consultas por meio eletrônico estão crescendo de maneira vertiginosa. Por isso, dentro do princípio de que devemos embarcar em ondas que julgamos promissoras quando elas começam, para estar na crista no futuro, a Editora UNESP já vem discutindo, no seu conselho editorial, como se comportar nessa realidade que começa a se configurar.

**CF: Quais as dificuldades de tornar o livro eletrônico uma realidade no mundo universitário?**

Castilho: É preciso que os autores universitários compreendam a importância do meio virtual. Um passo fundamental nesse sentido é que a Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (Capes) reconheça o texto virtual como produção docente – algo que já ocorre em relação às revistas eletrônicas.

## Desafios do livro eletrônico para as editoras

RITA BARRADAS BARATA

**Q**ual o significado que os livros eletrônicos podem ter para as editoras universitárias?

Em recente artigo na revista *Interface* (V. 9, nº 18, 2005), José Castilho Marques Neto sugere que o formato eletrônico poderia ser uma alternativa para as editoras universitárias divulgarem trabalhos de qualidade, nas diferentes áreas do conhecimento, que fossem dirigidos para públicos restritos, tornando economicamente viável tal divulgação. A proposta visa anular o viés econômico presente nas deliberações sobre o que publicar, tornando disponíveis produções de qualidade com baixo apelo mercadológico. Essa é uma excelente idéia e deveria ser considerada pelas editoras universitárias.

No entanto, a questão proposta para debate aqui se refere a outro tipo de publicação voltada para um público amplo e que, pela facilidade de acesso representada pelo meio eletrônico, poderia impactar fortemente o mercado para livros tradicionais.

Será esse o futuro dos livros didáticos, científicos, artísticos ou filosóficos? É difícil antecipar esse futuro. Quantos indivíduos, ainda que integrados à comunidade virtual, não prescindem de livros impressos da maneira tradicional? Será possível substituir o prazer que a pessoa sente ao selecionar um livro, atraída por sua capa, folheando rapidamente seu conteúdo, pela praticidade do acesso eletrônico?

Por outro lado, o livro eletrônico possibilita intercâmbios entre docentes e pesquisadores que seriam difíceis sem esse recurso. Penso particularmente em um li-

vro de epidemiologia muito interessante escrito por Neil Pearce, um pesquisador neozelandês, ao qual teríamos inegável dificuldade de aceder, não fosse o formato eletrônico.

A disposição do texto em meio eletrônico não garante sua visibilidade, uma vez que o acesso está na dependência de diferentes mecanismos de busca disponíveis ou não para os interessados.

Há também que se considerar a questão do acesso livre. Uma das vantagens do livro eletrônico seria a rapidez com que seu conteúdo pode ser divulgado e a extensão de público atingido. Evidentemente, esses aspectos estão condicionados pelo caráter privado ou público do acesso à obra. O acesso livre pressupõe, por outra parte, questões específicas de financiamento. Quem deverá custear os gastos com editoração e indexação?

Com relação a periódicos científicos, procura-se incluir os custos de publicação, seja em meio eletrônico, seja em meio impresso, no financiamento das pesquisas, para garantir o acesso amplo aos resultados. O mesmo mecanismo poderia ser proposto para o financiamento de livros eletrônicos?

Os mecanismos de revisão por pares presentes nas editoras universitárias deveriam ser adotados também para os livros eletrônicos, ou o julgamento entre pares ocorreria no próprio processo de difusão da obra? A responsabilidade do autor por suas idéias seria suficiente para afiançar o produto? Essas são algumas das questões a serem respondidas pelas editoras.

A retração no mercado editorial tem na

divulgação eletrônica um de seus principais motivos? Certamente, os preços crescentes dos livros podem representar um obstáculo importante ao aumento das vendas ou explicar em parte o mercado relativamente estreito dos livros no País.

Entretanto, a questão mais importante pode ser uma mudança que parece ocorrer entre as novas gerações. Cada vez mais, as formas de apropriação do conhecimento e de relação com a produção de novos saberes parecem se dar de maneira distinta entre os jovens. Vários estudiosos da modernidade têm assinalado entre suas características o sentido de precariedade dominante, ou seja, a idéia

de que tudo é rapidamente descartável. Nesse contexto, o livro perde espaço, seja em sua forma tradicional impressa, seja em formato eletrônico.

Os avanços na aquisição de conhecimentos ocorrem por tentativa e erro e não por intermédio de reflexão e leitura. A capacidade crítica tende a diminuir e ser substituída por uma atitude pragmática.

Não sei se influenciada pelo ciclo da inovação característico da área da saúde, no qual os novos produtos não costumam deslocar os antigos, mas freqüentemente se somam a eles, tendo a acreditar na permanência dos diferentes suportes. Do mesmo modo

que o DVD não matou o cinema e o CD não substituiu o prazer de ouvir música ao vivo, os livros eletrônicos não devem significar o fim dos livros impressos.

A convivência de distintas formas de divulgação dos saberes poderá propiciar diferentes combinações entre elas, permitindo a ampliação das possibilidades ao invés de fomenta a restrição. Como os processos autopoieticos criadores de complexidade, a diversidade de meios pode originar configurações de complementaridade, ao invés de oposição. Cabe àqueles envolvidos nas atividades de editoração vislumbrar a beleza desse caleidoscópio, evitando um olhar míope sobre as novas tecnologias.

Rita Barradas Barata é professora-adjunta do Departamento de Medicina Social da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo e integrante do Comitê de Saúde da Editora da UNESP.

Nas novas gerações, a apropriação e a produção do conhecimento parecem ocorrer de modo diferente

## O texto em papel diante da concorrência do e-book

RAÚL GONZÁLEZ ZORRILLA

**O** livro de papel é um dos grandes desenvolvimentos tecnológicos atingidos pela humanidade. O livro tradicional, esse conjunto de folhas de papel que, encadernadas, formam um volume, é um instrumento simples de utilizar, perfeitamente adaptado ao uso que se pretende dele, esteticamente bonito, de fácil acesso, resistente à passagem do tempo, facilmente transportável e que, além de tudo isso, não precisa de energia para o seu funcionamento.

São muitas as vantagens do livro tradicional de papel, embora esse produto tecnológico, que colhe êxitos há vários séculos, apresente também diversos problemas importantes que, sem dúvida, influirão sobre o seu futuro. Esses inconvenientes são: um elevado custo de produção; o caráter de obra totalmente impossibilitada de modificar-se ou atualizar-se; sua dificuldade para armazenagem de conhecimento, devido ao grande espaço físico que exige essa acumulação; e, finalmente, a excessiva dependência em relação aos recursos do meio ambiente (madeira, árvores etc.), que na atualidade têm valor essencialmente estratégico para todos. É nesses aspectos que as novas tecnologias em geral – como o livro eletrônico – são essenciais na hora de definir o futuro do livro.

Se considerarmos livro eletrônico toda

obra científica ou literária em formato digital que exige *hardware* ou *software* específico de leitura, podemos rapidamente compreender que essa tecnologia está em condições de solucionar alguns dos *deficits* associados ao livro tradicional.

A edição eletrônica de um texto literário ou científico, inclusive quando há uma adaptação para diferentes formas de recepção (Internet, CD-ROM, *e-book*, telefonia móvel etc.), resulta barata, sua atualização ou modificação é instantânea, a dificuldade de armazenagem é nula, e o custo ambiental é, na prática, zero. O que ocorre –

e o que está atrasando a entrada em massa do *e-book* no mercado – é que os desenvolvimentos tecnológicos implicam, por sua vez, problemas em relação à leitura que o livro tradicional nunca havia apresentado aos leitores-consumidores.

Entre essas dificuldades, algumas de difícil solução, destacam-se: todo livro eletrônico necessita uma máquina específica (*hardware*) para ser lido; e essas máqui-



nas, algumas com preços muito elevados, não têm a facilidade de transporte típica do livro tradicional; a facilidade e a clareza de leitura com essas ferramentas, hoje em dia, não é nem de longe tão perfeita

como a de um volume em papel corretamente impresso; os instrumentos eletrônicos necessitam de energia para o seu funcionamento, o que limita as possibilidades de seu uso; e, além disso, exigem uma manutenção e uma atenção que o livro de papel não demanda.

Perante esse panorama, acredito que o livro clássico, tradicional e de papel, como o conhecemos há séculos, ainda tem muitos anos de vida. Contudo, também é preciso observar que as diferentes possibilidades que já vêm sendo oferecidas pelo livro eletrônico e pelas novas tecnologias po-

dem resultar em objetos muito interessantes, que substituam ou complementem o livro tradicional.

A capacidade de armazenar informação e a rapidez de atualização que a informática oferece está, por exemplo, praticamente levando ao desaparecimento das enciclopedias em papel, que vêm sendo substituídas por suas versões na Internet ou em CD-ROM.

Os livros estritamente científicos, por sua vez, podem encontrar nas versões eletrônicas excelentes complementos, pois elas permitem acrescentar exemplos gráficos, audiovisuais ou infográficos impossíveis de incluir em um volume de papel. Todos os livros que necessitam atualizações constantes e periódicas (dicionários, almanaques, publicações de atualidade etc.) também podem encontrar excelentes complementos em versões digitais. Determinadas publicações universitárias, complexas, muito extensas e dirigidas a poucos receptores, podem igualmente ser um bom campo de atividade para a publicação eletrônica.

Nessa enriquecedora convivência do livro clássico com o eletrônico, em que se une o melhor de cada um dos suportes, é onde encontro a chave do que será o futuro a curto e médio prazo do mundo do livro e dos editores.

Especificamente no meu trabalho na imprensa espanhola, há alguns anos, utilizo livros eletrônicos em diferentes formatos – e todos me são muito úteis, embora, até agora, em nenhum deles tenha encontrado a beleza, o prazer e a satisfação que, além da leitura, produz o ato de ver, tocar, acariciar e sentir um livro de papel perfeitamente encadernado.

Raúl González Zorrilla é bacharel em Ciências da Informação pela Universidade dos Países Bascos. Jornalista especializado em temas socioculturais relacionados a novas tecnologias, é autor do romance de ficção científica *¿Qué haces después del caos?* (Ed. Bucanero, Espanha, 2000) e do ensaio *Terrorismo y posmodernidad* (Editorial Tilde, Espanha, 2005), inéditos no Brasil.

# A dinâmica tecnológica e as expectativas dos leitores

DANIEL PINSKY E JAIME PINSKY

**E**m 1999, a grande novidade da Feira do Livro de Frankfurt não era nenhum novo *best-seller*. A grande vedete era o *e-book*, um aparelho que podia armazenar o equivalente a dezenas de volumes impressos e prometia acabar com o livro em papel. Espalhou-se o pânico entre os profissionais do mundo do livro. "As editoras desaparecerão em pouco tempo", diziam os mais afoitos. De lá para cá, de fato, muita coisa mudou: o *e-book* ficou mais leve, mais ágil, tem mais memória, "conversa" com o computador, com o celular, armazena milhares de livros em sua memória. A nova geração, aquela que já nasceu interagindo com o computador, começa a chegar ao mercado de consumo. A Internet popularizou-se e com ela o acesso a conteúdos. O "google search" (que permite navegar nas páginas de livros digitalizados) surgiu, levando muitos editores a anunciar o apocalipse novamente... Contudo, o bom e velho livro de papel continua a ser, de longe, o suporte mais utilizado para leitura de livros. A lazer ou a trabalho.

Assunto encerrado? Não. O fato de ser o suporte mais utilizado não significa que o papel será eterno ou único. Diversas iniciativas e estudos apontam que as empresas do setor não pretendem ser atropeladas por essas novas tecnologias, como aconteceu com a indústria fonográfica. A filial de uma multinacional oferece "aluguel" de seus livros em formato digital por 10% de seu preço de venda. Na Câmara Brasileira do Livro (CBL) já se discute a possibilidade de um portal único que abrigaria as principais editoras universitárias brasileiras para venda ou aluguel de livros digitais. Algumas editoras já aderiram ao "google search".

São alternativas interessantes, que combatem uma praga que emperra principalmente o crescimento das editoras universitárias: a reprografia. Por outro lado, não se pode negar o grande temor que muitas editoras ainda alimentam com relação às novas tecnologias, em grande parte por conta da pirataria. Ao aderir a alguma das modalidades baseadas nas novas tecnologias, o editor deve considerar a possibilidade de ser vítima de pirataria (que, por sinal, já é praticada em escala industrial nas "casas de cópias").

Se, dos pontos de vista da ética e dos direitos autorais, a cópia desautorizada é altamente condenável (mesmo porque está criando uma geração que termina a faculdade sem ter lido um livro inteiro!), poder-

se-ia argumentar que ela ocorre porque é a resposta mais adequada às demandas de determinado grupo. Se um aluno recebe como bibliografia uma lista com 8 livros, 1 capítulo em cada, ele comprará todos? Ou encontrará todos na biblioteca? Infelizmente para os editores a resposta é

não para as duas perguntas. A "melhor" resposta é a reprografia. Vender livros aos pedaços resolve? Alugar o conteúdo para que seja lido nas telas vai substituir a reprografia? Ou

fazendo isso os editores "canibalizam" seus livros físicos e potencializam as dificuldades de livrarias que perdem mercado?

Por mais que nós, como responsáveis por editoras e admiradores do livro em papel, tenhamos nossas pre-

ferências, não nos cabe tomar as dores dos fabricantes de papel e das gráficas, estas sim, diretamente ameaçadas. Nossa função social é a de editar e publicar, ou seja, estabelecer uma relação entre os produtores de saber e a sociedade e o mercado. Isso implica configurar, formatar e fazer circular idéias. O papel é apenas o suporte que, nos últimos séculos, é considerado o mais eficiente para a veiculação dos conteúdos que colocamos à disposição dos leitores. Por mais que sejamos avessos às novidades, aquilo que temos que descobrir é: o que é mais adequado para o nosso público? As novas tecnologias atendem às expectativas do leitor?

Não temos ainda resposta para essas perguntas. Por isso, precisamos, com os pés no chão, testar. Se não estudarmos e testarmos as opções enquanto ainda é tempo, corremos o risco de as empresas de tecnologia assumirem este papel e fazerem com que a tecnologia (*softwares*, bases de dados, mecanismos de busca) se transforme em algo muito mais importante do que o conteúdo. E isso é

uma enorme ameaça à qualidade e à pluralidade da produção de conteúdo que hoje existe no mercado. Temos que aprender a lidar com as novas tecnologias da maneira como elas são: ferramentas para diminuir a distância entre nós e nossos leitores. Sem deslumbramento, mas também sem medo. Com equilíbrio, podemos dominar a tecnologia e dar as respostas mais adequadas a nosso público.

Daniel Pinsky é administrador de empresas e diretor comercial da Editora Contexto. Jaime Pinsky, historiador e ex-professor da UNESP, é diretor editorial da Editora Contexto.



## Perspectivas para os romances e obras técnicas

EDUARDO BLUCHER

**M**uito tem se discutido sobre o futuro do livro. Para um editor, é difícil participar dessas conversas sem um certo envolvimento emocional. Pretendo fazer aqui uma análise mais pragmática do livro e seu uso.

Chamamos de livro todos os textos que são impressos, costurados em cadernos e colados a uma capa. Isso está correto quanto à forma, mas, com base em seu conteúdo, o uso de cada livro é bastante diferente.

Podemos separar dois grandes grupos de conteúdos: os romances e os técnicos/jurídicos. Os romances, os livros de auto-ajuda e de algumas áreas de negócio são livros que lemos em um único bloco, da primeira à última página. Os técnicos/jurídicos são conteúdos consumidos em partes tão pequenas quanto um parágrafo, até alguns capítulos.

O livro de romance acaba? Eu diria que não, mesmo com a introdução de leitores eletrônicos, baixando os textos no *palm* ou no celular. O ro-

mance tende a continuar sendo consumido como livro por já ser acessível na sua forma tradicional, a impressão em papel.

O livro técnico/jurídico vai desaparecer? Eu diria que não. Mas haverá um novo mercado de livros e

**Teses, artigos especializados e títulos esgotados têm sobrevivência garantida no universo digital**

de textos consumidos eletronicamente. Algumas editoras da área jurídica já oferecem seus conteúdos *on-line* mediante pagamento de assinatura ou por licença de uso. Livros de referência nas áreas

de tecnologia e medicina são grandes candidatos a uma migração do papel para o meio digital.

Em um futuro não muito distante, professores montarão livros *on-line* com os textos que selecionaram para seu curso. Esses livros poderão tanto ser lidos *on-line* como impressos. Esse processo terá um impacto nos cursos do 3º grau, como alternativa às fotocópias piratas.

Teses, artigos técnicos e livros esgotados têm sobrevivência garantida no mundo digital, onde através de várias iniciativas estão sendo publicados:

O futuro é brilhante e nos abre para uma profusão de textos, livros e obras antes inacessíveis, que, com o advento das novas tecnologias, passam a estar ao nosso alcance.

Eduardo Blucher é editor da Editora Blucher e coordenador do CBLTech, grupo da Câmara Brasileira do Livro que estuda o impacto das novas tecnologias. [eduardo@blucher.com.br](mailto:eduardo@blucher.com.br)

# UNESP e Sebrae firmam parceria

Protocolo prevê criação da disciplina de Empreendedorismo em cursos de todas as unidades



No dia 11 de janeiro, o reitor da UNESP, professor Marcos Macari, e o diretor-superintendente do Sebrae-SP (Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de São Paulo), José Luiz Ricca, firmaram um convênio para a criação da disciplina Empreendedorismo nos cursos de graduação da Universidade. O protocolo de intenções foi assinado no Centro do Empreendedor – sede do Sebrae, na capital paulista.

Para o reitor Macari, a universidade deve buscar o que há de mais moderno na sociedade, a fim de preparar os estudantes para um mercado de trabalho em constante mudança. “É comum que os formandos entrem em

crise ao receber o diploma, por não saberem onde e como utilizar seus conhecimentos”, argumentou o reitor. “Portanto, é dever da instituição de ensino prepará-los com o espírito do empreendedorismo.”

A disciplina, prevista para ser ofertada no segundo semestre deste ano nos 23 campi e nas Unidades Diferenciadas, terá caráter optativo, com duração de 60 horas. As aulas abordarão a realidade dos pequenos negócios e a importância de um comportamento empreendedor. Segundo a professora Leonor Maria Tanuri, assessora da Pró-Reitoria de Graduação, os professores das unidades ministrarão a disciplina, depois de receberem treinamento do Sebrae.

Daniel Patire

## Ex-diretor do IFT morre em São Paulo

Paulo Leal Ferreira foi um dos fundadores do Instituto

Faleceu aos 80 anos, em São Paulo, no dia 30 de dezembro, o físico Paulo Leal Ferreira. Ele foi um dos responsáveis, em 1951, pela criação da Fundação Instituto de Física Teórica (IFT), que mantém o Instituto, incorporado à UNESP em 1987. “Paulo Leal participou ativamente do esforço para obter apoio e doações de várias entidades, para que o IFT efetivamente iniciasse suas atividades de pesquisa em Física em 1952”, conta o atual diretor da insti-



Ferreira: trabalho dedicado

tuição, Gastão Inácio Krein.

Paulo Ferreira foi diretor administrativo do IFT de 1952 a 1962 e primeiro diretor científico brasileiro do Instituto, entre 1962 e 1981. Aposentado compulsoriamente, em 1995, aos 70 anos, trabalhou como pesquisador voluntário do IFT, entre 1995 e 2001, colaborando em pesquisas, publicações internacionais e bancas de estudantes de pós-graduação, além de ser conselheiro titular do Conselho Curador da Fundação IFT.



Show da Física, em Rio Claro: difusão valorizada

## ENSINO

# Programa estimula divulgação da ciência

Projetos recebem verba para custeio e pagamento de bolsistas

Instituído em 2005, o Programa Permanente de Divulgação da Ciência na UNESP está contemplando 19 projetos com verba para custeio e pagamento de bolsistas. A criação do Ciência na UNESP, que é vinculado à Vice-reitoria, acompanha uma tendência da área educacional que valoriza a criação de mecanismos pedagógicos para o ensino de ciências.

“O Programa poderá desempenhar um importante papel na difusão do pensamento e do conhecimento, além de constituir um pólo de ações educacionais para o aprimoramento do ensino”, argumenta o coordenador do Programa, Jorge Roberto Pimentel, docente do Instituto de Geociências e Ciências Exatas, campus de Rio Claro, e assessor da Vice-reitoria.

Os projetos selecionados contemplam as três áreas do conhecimento – Biológicas, Exatas e Humanidades. Os



temas são enfocados de diversas maneiras, como jogos educativos, exposições e experimentações de física e química. Os projetos receberão ajuda correspondente a duas bolsas mensais e mais custeio, durante dois anos. No total, são cerca de R\$ 120 mil advindos do Santander Banespa, patrocinador da iniciativa. A relação dos projetos está disponível no endereço

<http://www.unesp.br/destaques/080206b.php>

### Identidade visual

O Programa passou a ter uma marca visual, criada pelo servidor Elias Silveira, do escritório de Bauru da Assessoria de Planejamento e Orçamento (Aplo). O autor busca destacar, com recursos cromáticos, as três áreas do conhecimento, sendo a cor azul para Exatas, vermelho para Humanidades e verde para Biológicas.

## LEITURA DINÂMICA

### REFORMA CURRICULAR

A partir de 2006, o curso de Geografia do Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE) da UNESP, campus de Rio Claro, terá uma nova grade curricular, que, segundo o coordenador do curso, o docente Roberto Braga, pretende dar maior autonomia ao aluno e enfatizar as atividades extracurriculares, possibilitando um maior enfoque na pesquisa e trabalho de campo, desconcentrando assim o curso das salas de aula e tornando-o mais flexível. “No que diz respeito à Licenciatura em Geografia, período noturno, o tempo de formação baixou de 10 semestres para oito”, informa Braga. (Ricardo Beserra Santos/Bolsista UNESP/Univ. Rio Claro)

### PAVIMENTAÇÃO

Daniela Massami Ide, estudante do quarto ano de Engenharia Civil da Faculdade de Engenharia da UNESP, campus de Bauru, pesquisou formas alternativas de pavimentação em seu projeto de iniciação científica. A aluna estudou a pavimentação de ruas com uma técnica que mistura cal ao solo. Orientado pela professora Anna Sílvia Peixoto, o projeto conquistou o financiamento da Fapesp em 2005. “Adicionar cal ao solo seria uma maneira econômica de promover a pavimentação, mas era necessário analisar se a mistura alcançaria uma resistência utilizável”, explica Daniela. Em 2005, o projeto foi apresentado no Congresso de Iniciação Científica da UNESP e no Simpósio Internacional de Iniciação Científica da USP, no qual conquistou menção honrosa. (Débora Prado de Oliveira/Bolsista UNESP/Univ. Bauru)

### CURSOS DE FÉRIAS

Em janeiro, foram promovidos cursos de férias na Unidade da UNESP em Itapeva. Um deles forneceu aos estudantes noções básicas a respeito de tópicos da Física como ondas e óptica, não previstos no conteúdo programático da disciplina no curso de Engenharia Industrial Madeireira. “Foi gratificante o pedido de alguns alunos para que eu abordasse esses assuntos”, diz Marcelo Yamashita, que ministrou o curso. “Eles são importantes para a formação básica de um engenheiro e sua utilidade para o

ramo da engenharia industrial madeireira pode ser verificada em pesquisas recentes envolvendo ultra-som e infravermelho para a caracterização de madeiras.” (Estefânia Costa Vieira/Bolsista UNESP/Univ. Itapeva)

### TÊNIS DE CAMPO

O Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte (Lespespe) do Instituto de Biociências (IB) da UNESP, campus de Rio Claro, coordenado pelo docente Afonso Antonio Machado, tem por objetivo incentivar o estudo e pesquisa da Psicologia do Esporte com reuniões e encontros de cunho teórico e prático. No segundo semestre de 2005, foi feito um levantamento do perfil psicológico de atletas da modalidade de tênis de campo. “O intuito foi entender melhor a modalidade, bem como as estruturas de pensamento, sentimentos e comportamentos dos atletas”, afirma Machado. Informações: <http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/lepespe/lepe.htm> (Ivan Conrado Hummel/Bolsista UNESP/Univ. Rio Claro)

### COOPERATIVAS POPULARES

Visando dar condições de universalização e desenvolvimento do conhecimento e tecnologia necessários para a instalação de cooperativas e organizações populares, a Faculdade de Ciências e Letras (FCL) da UNESP, campus de Assis, vai coordenar uma incubadora de cooperativas para a região. A iniciativa será viabilizada por meio do Programa Nacional de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares, mantido pela Secretaria Nacional de Economia Solidária do Ministério do Trabalho. Com a aprovação do projeto no Ministério, Assis passa a ser sede da incubadora regional, que tem o docente Carlos Rodrigues Ladeia na coordenação geral. “Em todo o Estado de São Paulo, até agora, somente a USP, a Unicamp e a Universidade Federal de São Carlos mantinham incubadoras nesses moldes”, afirma Ladeia. (Emanuel Ângelo Nascimento/Bolsista UNESP/Univ. Rio Claro)

### ACIDENTES DE TRABALHO

O psicólogo e psicanalista Antônio César Frassetto, docente do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE) da UNESP, campus de São José do Rio Preto, concluiu o levantamento estatístico e computacional dos acidentes de trabalho de

Catanduva (SP) notificados em 2004. A pesquisa foi financiada pela Faperp (Fundação de Amparo à Pesquisa de São José do Rio Preto). Solicitado pela Promotoria de Justiça do município de Catanduva para implementar a fiscalização dos ambientes de trabalho e do cumprimento das leis de segurança trabalhista, o estudo auxiliará na aplicação da Norma Operacional de Saúde do Trabalhador (Nort, de 1998). “Os dados facilitarão a identificação de situações de risco e, conseqüentemente, a prevenção de acidentes em serviço”, acrescenta Frassetto. (Lúcia de Mello Barbosa Luca/Bolsista UNESP/Univ. Ililce/São José do Rio Preto)

### DIFERENCIAÇÃO GENÉTICA

O Núcleo de Pesquisa e Conservação de Cervídeos (Nupecce), da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias da UNESP, campus de Jaboticabal, sob coordenação do docente José Maurício Barbanti Duarte, desenvolve a pesquisa “Diferenciação genética, morfológica, comportamental e ecológica de três citótipos de *Mazama americana*”. Iniciado em 2004 e com previsão de término para 2010, o projeto surgiu da falta de estudos do gênero e espécie *Mazama americana* (o veado mateiro). “O projeto consiste em estudar os animais em vários aspectos e, para isso, há frentes de estudos em diferentes linhas: Reprodução, Genética e Ecologia Básica”, explica Barbanti. Informações: [www.fcav.unesp.br/departamentos/zootecnia/nupecce/](http://www.fcav.unesp.br/departamentos/zootecnia/nupecce/) (Ives Rodolfo Fernandes/Bolsista UNESP/Univ. Dracena)

### ARTE E DIGNIDADE

A Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (Faac), da UNESP, campus de Bauru, será uma das representantes do Brasil na manifestação internacional “Arte e Dignidade”, organizada pela Universidade de La Plata (Argentina), em 24 de março. O projeto selecionado é de José dos Santos Laranjeira, artista plástico e docente da Faac. A idéia é realizar um trabalho que envolva tanto a comunidade bauruense como a acadêmica. “A partir de uma releitura das obras do artista plástico uruguaio Joaquín Torres-García (1874-1949), será feita uma intervenção no campus da UNESP e outra na favela Villaggio Zero, em Bauru, com a qual venho trabalhando há alguns anos”, diz. (Eliane Aparecida de Almeida Barros/Bolsista UNESP/Univ. Bauru/São José do Rio Preto)

# Programa moderniza ensino

Projeto desenvolvido em escola de Araras utiliza *software* que permite instalar recursos sonoros e de informática em maquetes, beneficiando alunos com ou sem necessidades especiais

Um estudo que envolve pesquisadores da UNESP e da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), propõe uma nova alternativa para as aulas de Geografia e Cartografia no Ensino Fundamental, por meio do programa Mapavox, que permite que maquetes sejam sonorizadas e ligadas a computadores. Com esse recurso, essas disciplinas podem ser melhor acompanhadas por alunos com ou sem necessidades especiais.



Exposição em escola: som facilita transmissão de dados

O projeto foi idealizado a partir da demanda da escola municipal "Maria Aparecida Muniz Michelin - José Benedito Carneiro", em Araras (SP). Essa escola não dispunha de material didático na área da Geografia e Cartografia para seus alunos, que são deficientes auditivos e visuais.

A inovação integra a dissertação de mestrado de Silvia Elena Ventorini, do Programa de Pós-graduação em Geografia, do Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE), *campus* de Rio Claro. Silvia, que é orientada pela docente Maria Isabel Castreghini de Freitas, explica que os dados existentes em maquetes são tradicionalmente apresentados em textos - e, no caso de se destinarem a

peças cegas, são escritos em braille. "A utilização de recursos sonoros permite a inclusão de um maior volume de informações sobre os elementos da maquete do que seria possível se as explicações fossem escritas", diz.

## Uso versátil

As informações são acionadas por microchaves presentes na maquete, que se conecta a um microcomputador por meio do Mapavox. Desse modo, a transmissão dos dados pode ser iniciada por meio de um toque do usuário ou pelos comandos no micro. O programa foi desenvolvido pelo professor Antônio Borges, da UFRJ, a par-

tir de um outro sistema por ele criado, o Dosvox, que possibilita que pessoas cegas operem um computador utilizando um sintetizador de voz, que repete em voz alta tudo que o usuário digita. "O Mapavox é fácil de operar, suas informações podem ser gravadas pelo usuário e o custo é baixo", comenta Silvia.

Embora o projeto tenha sido inicialmente desenvolvido numa escola voltada para alunos com necessidades especiais, Silvia ressalta que ele pode também ser aplicado nas aulas para classes comuns. "Atualmente, estamos realizando um trabalho de adaptação a essas classes, numa escola pública de Rio Claro", esclarece Silvia.

O projeto ganhou dois prêmios em 2005: obteve o segundo lugar no 3º Congresso de Extensão da UNESP, em novembro, em Águas de Lindóia (SP), na categoria Educação, e o primeiro lugar no Sicii 2005 (Simpósio Ibero-Americano de Educação Cibernética em Informática), em julho, em Orlando, EUA, na Sessão de Sistemas e Tecnologias Educativas e Entretenimento.

As maquetes do projeto encontram-se em exposição permanente no Centro de Análise e Planejamento Ambiental (Ceapla) no *Campus* Bela Vista, em Rio Claro. Informações: (19) 3524-9622 ou sev@rc.unesp.br

**Ricardo Beserra Santos**, Bolsista UNESP/Universia/Rio Claro/IGCE



Maquete ligada ao trabalho: programa foi concebido por docente da UFRJ

## GEOGRAFIA II

# Grupo investiga linguagem audiovisual

Equipe se volta para produção de documentários sobre região de Rio Claro

Desde 2005, funciona no Departamento de Planejamento Territorial e Geoprocessamento do Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE) da UNESP, *campus* de Rio Claro, o Núcleo de Pesquisa e Produção Audiovisual em Geografia (Nuppag). Trata-se de um grupo multidisciplinar voltado para a exploração da linguagem audiovisual cinematográfica e videofonográfica, nas suas aplicações em pesquisa e ensino de Geografia e áreas correlatas.

O primeiro projeto do núcleo é uma parceria com a Escola Estadual José Fernandes, de Rio Claro, com financiamento da Secretaria da Educação Estadual. O objetivo do trabalho é a elaboração de um documentá-

rio sobre a formação histórica de Rio Claro e a cafeicultura, envolvendo professores e alunos do ensino médio da escola e alunos do curso de graduação de Geografia.

Para 2006, já foi enviada à Pró-reitoria de Graduação uma nova proposta de parceria com a mesma escola, voltada para o ensino de Geografia no ensino médio: um videodocumentário sobre o córrego Cachoeirinha, em Rio Claro. "Gostaria de convidar os graduandos que se interessam por audiovisual a participar do núcleo", diz Roberto Braga, docente do IGCE e coordenador do projeto. O endereço eletrônico do grupo é [www.rc.unesp.br/igce/planejamento/nuppag](http://www.rc.unesp.br/igce/planejamento/nuppag)

**Ricardo Beserra Santos**, Bolsista UNESP/Universia/IGCE/Rio Claro



Braga: núcleo convida interessados a participar das atividades

## URBANISMO

# Atlas mostra praças de Presidente Prudente

Trabalho *on-line* reúne plantas, fotografias e mapas dos locais

Os alunos Bruno Furquim de Campos, João Pacea Júnior, Marcelo Augusto Neto, Marcos Vinicius Agostinho Vicenzi, e Marcus Tadeu Maucini, do *campus* de Presidente Prudente, lançaram em dezembro o atlas digital *Praças em Presidente Prudente - formas e usos*. O evento teve a presença do prefeito e lideranças locais.

O projeto, orientado pela professora Maria Encarnação Beltrão Sposito, do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT), possibilita o acesso a documentos históricos, como plantas, fotografias e mapas de cinco praças: da Bandeira, Monsenhor Sarrion, 9 de Julho, Edson Jacob da Silva e das Cerejeiras. "O objetivo do trabalho é recuperar informações sobre os espaços públicos e organizar subsídios para revitalizar essas praças. Isto permite estudar as transformações físicas e de uso dos locais", explica a orientadora, que integra o Grupo de Pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais (Gasperr).

O trabalho é desenvolvido pelos alunos como atividade de Iniciação Científica e busca definir o papel desses espaços em um município médio. Os locais pesquisados diferem uns dos outros tanto pela localização quanto pela forma de uso. As Praças da Bandeira, Monsenhor Sarrion e 9 de Julho situam-se no centro de Pre-



Maria: acesso a documentos

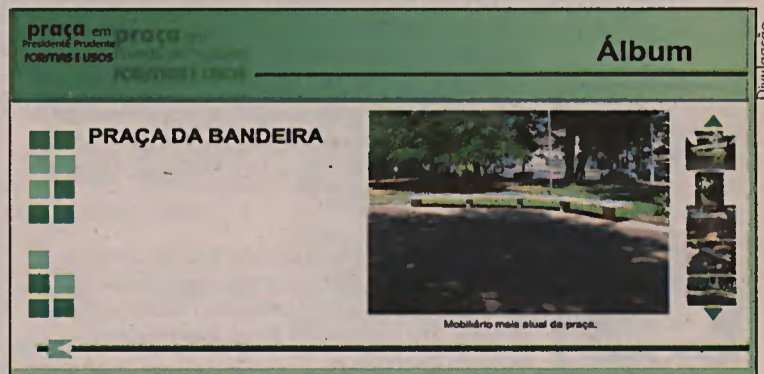
sidente Prudente e passaram por grandes mudanças urbanísticas. Próxima à Estação Ferroviária, a Praça da Bandeira aloja vendedores ambulantes e a Monsenhor abriga um terminal de ônibus.

A Praça das Cerejeiras fica em um bairro classe média e tem grande influência da comunidade japonesa no seu projeto paisagís-

tico; porém, seus bancos estão sempre vazios. Situação diversa tem a Praça Edson Jacob da Silva. Construída na periferia, ela tem poucas árvores, seu piso é de terra batida, mas as crianças brincam no local quase todo o dia.

Para acentuar as diferenças, os estudantes frequentam esses locais, anotando a presença e a característica de pessoas, além de gravar depoimentos dos frequentadores. "Vimos que, conforme o horário do dia, o público das praças muda completamente. E conhecer a opinião das pessoas, por meio dos depoimentos, é importante para a segunda fase do projeto, quando faremos propostas urbanísticas e paisagísticas para melhorar as condições de uso das áreas", diz a professora. Mais informações no endereço [www.prudente.unesp.br/atlasdigital](http://www.prudente.unesp.br/atlasdigital)

Daniel Patire



Página do projeto: recuperação de dados sobre espaços públicos

Entrada em Jerusalém, Wilhelm Morgner



SOCIOLOGIA

## Pensamento ocidental

Os sociólogos Max Weber (1864-1920) e Norbert Elias (1897-1990) produziram importantes reflexões sobre a cultura ocidental, em especial sobre religião e o uso do monopólio legítimo da força física. A confluência de idéias desses dois grandes pensadores, formados pela tradição sociológica e filosófica germânica, na transição do século XIX para o XX, está presente nesta coletânea de ensaios sobre temas da sociologia contemporânea, em especial da sociologia da cultura. Organizada por Alonso Bezerra de Carvalho e Carlos da Fonseca Brandão, docentes do Departamento de Educação da Faculdade de Ciências e Letras (FCL), da UNESP, campus de Assis, a obra aborda o processo de formação da civilização ocidental que se manifesta nas condutas do homem e da cultura modernos, onde ocorrem profundas transformações nas formas de pensar, agir e se comunicar da humanidade. “A obra traz diversos ensaios que exploram temas como racionalismo ocidental e as relações entre burocracia e educação moderna, entre outros”, diz Carvalho. (Emanuel Ângelo Nascimento/Bolsista UNESP/Universia/FCL/Assis)



*Introdução à sociologia da cultura: Max Weber e Norbert Elias* – Alonso Bezerra de Carvalho e Carlos da Fonseca Brandão (organizadores); Avercamp; 172 páginas; R\$ 32,00. Informações: (11) 5042-0567; avercamp@terra.com.br e www.avercamp.com.br

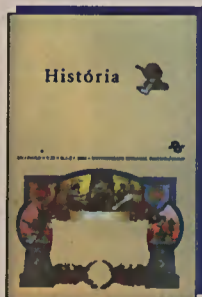
L'Amazonegraffi, Sandro Chia



HISTÓRIA I

## Dossiê do ensino

Nesta edição, a revista traz como destaque o dossiê Ensino de História, que reúne artigos de pesquisadores especializados no tema. “O objetivo é contribuir para a reflexão sobre os principais aspectos do trabalho com a disciplina no ensino fundamental e médio”, afirma Teresa Malatian, docente da Faculdade de História, Direito e Serviço Social (FHDSS) da UNESP, campus de Franca, editora da publicação. Professores da Universidade publicam ainda dois artigos e uma resenha. Eda Góes, da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT), em Presidente Prudente, realiza uma análise do cotidiano das instituições penitenciárias do Estado de São Paulo. Ivan Esperança Rocha, da Faculdade de Ciências e Letras, de Assis, trata da relação entre dominadores e dominados na Palestina do século I a partir do testemunho de Flavio Josefo sobre a guerra entre judeus e romanos. Além disso, Denise Soares de Moura, da FHDSS, resenha o livro *O cultivo do café nas bocas do sertão: mercado interno e mão-de-obra no período de transição – 1830-1888*, de Rosana Carvalho Messias, lançado pela Editora UNESP.

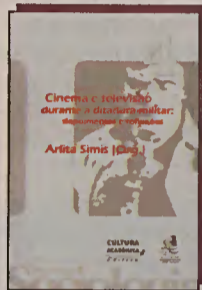


Revista *História* – Faculdade de História, Direito e Serviço Social da UNESP, campus de Franca, e Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, campus de Assis; 280 páginas; R\$ 20,00. Informações: tmalatian@uol.com.br

CINEMA E TELEVISÃO

## Os anos da ditadura

Coletânea de artigos e depoimentos apresentados durante o seminário “Cinema e televisão durante a ditadura militar”, realizado na Faculdade de Ciências e Letras (FCL) da UNESP, campus de Araraquara, em 2003, esta publicação discute o que foi produzido pelo cinema e televisão entre 1964 e 1985, enfocando as formas de resistência ao arbítrio. “O livro contribui para o debate em uma área pouco explorada: a produção audiovisual durante a ditadura militar”, afirma a organizadora do volume, Anita Simis, professora do Departamento de Sociologia e do Programa de Pós-graduação em Sociologia da FCL. Entre os temas tratados, estão a atuação da Embrafilme, o mercado de televisão, as bases políticas do Esquadrão da Morte, os limites tênues dos mecanismos de censura, autocensura e autopreservação, as marcas da ditadura ainda presentes na TV brasileira e as relações entre cinema e censura e entre telenovela e ditadura.



*Cinema e televisão durante a ditadura militar: depoimentos e reflexões* – Anita Simis (organizadora); Laboratório Editorial da FCL e Cultura Acadêmica Editora; 136 páginas; R\$ 25,00. Informações: (16) 3301-6275 e laboratorioeditorial@fclar.unesp.br



Telefone, Richard Lindner

MEDIAÇÃO

## Experiência estética

Existente desde 2003, o Grupo de Pesquisa Mediação Arte/Cultura/Público do Instituto de Artes (IA) da UNESP, campus de São Paulo, registrado no CNPq, tem como um de seus objetivos compreender melhor como a mediação da obra de arte é entendida pelos professores. Entre os textos reunidos, destaca-se a discussão dos significados e da prática da curadoria educativa, assim como a busca de definições para o conceito de mediação. “Os textos percorrem o território das linguagens da arte, do patrimônio cultural, dos saberes estéticos e culturais e dos processos de criação”, diz Mirian Celeste Martins, docente aposentada do IA e organizadora da publicação. Integram o presente volume, além de cinco textos, um glossário, que busca pontuar o modo como alguns conceitos têm sido utilizados



Persimmon, Robert Rauschenberg

nos estudos sobre mediação, uma rica e atualizada bibliografia para pesquisadores da área de educação artística e as ilustrações de Paula Mello Cerchiari.

*Mediações: provocações estéticas* – Mirian Celeste Martins (editora acadêmica e organizadora); Instituto de Artes; Pós-Graduação; volume 1, número 1; 144 páginas; R\$ 15,00. Informações: (11) 6166-6500; mediação\_arte@yahoo.com.br; www.ia.unesp.br e www.rizomacultural.com.br



HISTÓRIA II

## Identidades nacionais

O dossiê deste número tem como objetivo contemplar processos culturais, políticos, econômicos e sociais decorrentes das movimentações humanas ao longo da história. Eles geram a oportunidade de refletir sobre as relações entre diferentes povos e nações, contribuindo para a formação de identidades locais, regionais ou nacionais. A historiadora Maria Stella Bresciani, docente da Unicamp, por exemplo, discute as reflexões que o escritor francês Hyppolite Taine (1828-1893) elaborou a partir de viagens à Inglaterra na segunda metade do século XIX. Outros ensaios tratam do contato da filósofa judia alemã Hannah Arendt com a tradição republicana dos EUA e dos intercâmbios culturais entre exilados mexicanos e cubanos. “A opção brasileira da emigração portuguesa e o cotidiano, a cultura e o trabalho dos imigrantes lusos em São Paulo entre 1890 e 1950 também são enfocados”, afirma uma das editoras da publicação, Márcia Regina Capelari Naxara, docente da Faculdade de História, Direito e Serviço Social da UNESP, campus de Franca.



*Estudos de História: Mundo em movimento: viagens e (des)encontros* – Revista do Programa de Pós-graduação em História da Faculdade de História, Direito e Serviço Social da UNESP, campus de Franca – Márcia Regina Capelari Naxara e Maria Aparecida de S. Lopes (editoras); volume 12, número 1; 264 páginas; R\$ 10,00. Informações: estudosdehistoria@franca.unesp.br



Rua Embaixadeiro, Karouil Dufy



EDUCAÇÃO

# Política educacional nos anos 1990

Obra analisa avanços e recuos decorrentes das diretrizes do MEC nos governos Collor, Itamar e FHC

JUVENAL ZANCHETTA JÚNIOR

Aprofusão, diversidade e supercodificação das normas educacionais são complicadores para a análise sincrônica ou diacrônica do conjunto da legislação para a área. As complexas relações históricas, políticas, culturais e geográficas, entre outras, que norteiam os textos normativos não raramente levam ao comentário setorizado ou então ao desenho ensaístico. Não por acaso, uma solução tem sido a observação do percurso da educação a partir de um ângulo específico, como a ideologia ou a economia, a fim de se chegar a uma abordagem panorâmica.

O recém-publicado texto de João Cardoso Palma Filho alcança o difícil equilíbrio entre o comentário pontual, o ensaio e a crítica abrangente da política educacional brasileira da década de 1990, mesmo transitando em terreno movediço, pois boa parte das diretrizes sob análise é recente e não está plenamente assentada.

Ensino fundamental, médio e superior, Parâmetros Curriculares (PCNs), formação de professores e financiamento da educação são os temas enfrentados com maior fôlego. Deliberações relevantes sobre cada um dos temas são observadas de perto, seja para torná-las claras para o leitor, seja para dialogar com os legisladores. É nesse plano de análise que o autor recupera, entre outras questões, a afronta das diretrizes curriculares à Constituição, quando da marcada opção pelo construtivismo de fundo cognitivista.

O texto também procura evidenciar as mudanças de ênfase das políticas públicas para a educação. Da secundarização do ensino superior à atenção quase exclusiva ao ensino fundamental; da sobreposição do ensino médio em relação ao ensino fundamental, tendo como pano de fundo a preocupação curricular e a formação de professores, o autor aponta avanços, mas também delinea lacunas e prejuízos decorrentes da falta de amadurecimento e interlocução dessas iniciativas – que deixaram de lado boa parte do pensamento pedagógico brasileiro.

A análise sucinta acerca dos governos Collor e Itamar somada à amarração das políticas de FHC com a história da legislação brasileira para a educação auxilia o leitor a



Imagem produzida com o Photoshop a partir de foto de Regina Agrella

entender o caminho recente das políticas educacionais. O autor dialoga com pensadores de diversas áreas do conhecimento e apresenta fatos e processos políticos que ajudam a explicar os anos 1990. Sem o reducionismo de creditar os fracassos à implantação cega de políticas internacionais, mas também sem se deixar levar por estatísticas mais otimistas, Palma Filho procura mostrar até onde as reformas educacionais ajudaram a assentar uma normatização efetiva e não meramente retórica.

Em todo o texto, perpassa a reflexão acerca do fenômeno da globalização e da crise do capitalismo. Uma das principais propostas do livro é explicar como o fragmentado pós-modernismo e a desterritorialização propiciada pela cultura mundializada sobrecarregaram a escola, principalmente em países periféricos como o Brasil, onde se exige dela o enfrentamento de questões que extrapolam as suas possibilidades. Há ainda os complicadores próprios do capitalismo tal como ele se desenvolveu no Brasil, marcado pela exclusão. Daí, por exemplo, a afirmação final do autor, de que a utopia é necessária, mas sem “ilusões”.

O livro introduz o leitor, iniciado ou não, na observação histórica da política educacional recente, a partir de temas específicos relevantes ou da análise do conjunto dessa política, oferecendo subsídios a diversos tipos de estudo, além de cumprir seu compromisso de atualizar a reflexão sobre a legislação educacional. A diversidade de ângulos e de informações, além da opinião empenhada do autor, torna bastante atraente o texto, embora prejudicado, em alguns momentos, com uma edição às vezes descuidada e com problemas de revisão.

Juvenal Zanchetta Júnior é professor da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, campus de Assis. Publicou diversos livros e artigos científicos sobre a imprensa, particularmente no contexto educacional.

*Política educacional brasileira: educação brasileira numa década de incerteza (1990-2000): avanços e retrocessos* – João Cardoso Palma Filho; Série: Políticas Públicas; Volume 1; Cte Editora; 176 páginas. Lançamento e palestra do autor dia 8 de março, às 19 h, na Livraria Martins Fontes, Alameda Jaú, 1742, em São Paulo, SP. Preço de lançamento R\$ 30,00. Informações: (11) 3884-5024 e cteeduca@terra.com.br



LIVROS

## Editora lança 14 obras na Bienal

Evento ocorre entre 9 e 19 de março no Pavilhão de Exposições Anhembi, em São Paulo

A Editora UNESP programou uma série de atividades e lançamentos para a 19ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, que acontece de 9 a 19 de março, no Pavilhão de Exposições Anhembi. “Lançaremos 14 novos títulos e programamos vários eventos”, diz José Castilho Marques Neto, diretor-presidente da Editora, cujo estande se localiza na Avenida I, entre as Ruas K e L. (Leia quadro.)

A Bienal também vai sediar a Livraria-Escola, resultado de parceria entre a Universidade do Livro, vinculada à Fundação Editora UNESP, o Instituto Alana e a empresa Superpedido. O projeto promoverá um curso de formação de livreiros para vinte jovens do Jardim Pantanal (zona leste de São Paulo). Dez deles serão selecionados para fazer estágio na Livraria-Escola, um estande instalado na Av. 7, entre as Ruas J e K.



### Lançamentos

- Discreto charme das partículas elementares* – Maria Cristina Batoni Abdalla
- Do Roraima ao Orinoco* – Theodor Koch-Grünberg; co-edição com o Instituto Martius Staden
- A paixão do negativo: Lacan e a dialética* – Vladimir Safatle
- Realidade e cognição* – João Paulo Monteiro; co-edição com a Discurso Editorial
- Paisagens do medo* – Yi-Fu Tuan
- O crime ocidental* – Viviane Forrester
- Verbetes políticos da Enciclopédia* – Diderot et alii; co-edição com a Discurso Editorial
- Prelúdio à lógica* – Hércules de Araújo Feitosa e Leonardo Paulovich
- A violência revolucionária em Hannah Arendt e Herbert Marcuse* – Maria Ribeiro do Valle
- Tradução e adaptação* – Lauro Maia Amorim
- Sociedade movediça* – Denise A. Soares de Moura
- Índia, Brasil e África do Sul* – Fábio Villares (org.); co-edição com o Ieei (versões em inglês e português)
- Livros didáticos de geografia e história* – Maria Encarnação Beltrão Sposito (org.); co-edição com a Cultura Acadêmica

### Eventos

- 10/03.** Encontro com livreiros e distribuidores da Editora UNESP. Às 15 h. No Café da Abeu.
  - 12/03.** Bate-papo com Francisco da Silva Borba, organizador do *Dicionário UNESP do Português Contemporâneo*. Às 15 h. No Café da Abeu.
  - 14/03.** Lançamento de *Do Roraima ao Orinoco*, de Koch-Grünberg. Às 19h30. No Café da Abeu.
  - 14/03.** Mesa-redonda Política e Sociedade, com Luiz Gonzaga Belluzzo, Lúcia Hippolito e Paulo Markun. Às 20 h. No Salão de Idéias.
  - 15/03.** Sessão de autógrafos com Maria Ribeiro do Vale, autora de *A violência revolucionária em Hannah Arendt e Herbert Marcuse*. Às 19h30. No estande da Editora UNESP (Abeu)
  - 17/03.** Lançamento de *O discreto charme das partículas elementares* e palestra da autora Maria Cristina B. Abdalla. Às 19h30. No Café da Abeu.
- Informações: [www.editoraunesp.com.br](http://www.editoraunesp.com.br)



MÍDIA

# Estudo avalia sites antitabagistas

Análise aponta deficiências em informações veiculadas em endereços especializados na Internet

Uma pesquisa de Iniciação Científica realizada na Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (Faac), campus de Bauru, analisou 31 sites de conteúdo antitabagista da Internet. De acordo com o estudo elaborado pelo estudante de Jornalismo Edison Costa da Veiga Júnior e orientado pelo docente Murilo César Soares, as informações veiculadas deixam muito a desejar.

O objetivo da pesquisa foi avaliar a qualidade da informação disponível, do conteúdo aos aspectos técnicos, com base em conceitos de comunicação em saúde, comunicação mediada por computadores e epidemiologia do tabaco. “A rede de computadores pode oferecer uma grande quantidade de informação, formas de interatividade e recursos multimeios, mas acho inviável uma campanha feita exclusivamente pela rede, porque os acessos são individuais”, alerta Soares. “O que se deve buscar é sinergia com outros meios.”

O método utilizado para delimitar os sites avaliados foi baseado em pesquisa realizada pela empresa Net Ratings. Segundo ela, o Google é o site de busca mais acessado pelos usuários que não ultrapassam as cinco primeiras páginas. Dos primeiros 50 sites apre-



Imagem de campanha do Ministério: mensagem eficaz

Inca/Ministério da Saúde

sentados, apenas 31 eram voltados especificamente para a questão do tabaco.

Na etapa seguinte, Veiga Júnior e seu orientador adaptaram para a realidade brasileira o questionário *Health-Related Web Site Evaluation Form*, elaborado pela pesquisadora norte-americana Leslie Teach, para analisar sites voltados para a saúde de modo geral. De acordo com as categorias apresentadas pelo questionário, pode-se estabelecer um ranking qualitativo dos sites analisados.

Dos 31 sites analisados quanto a estrutura, conteúdo, exatidão da informação e linguagem empregada, oito foram classificados como excelentes, 18 como adequados e cinco como ruins. De acordo com o estudo, em primeiro lugar ficou a página elaborada pelo Inca (Instituto Nacional do Câncer), órgão do Ministério da Saúde.

A análise das deficiências de informação das páginas apontou que cerca de 20% delas não trazem um programa de apoio para o usuário parar de fumar. “A partir dessa análise, vamos criar o nosso site, de modo que ele seja um diferencial na Internet”, ressalta Soares.

Eliane Aparecida de Almeida Barros, Bolsista UNESP/Universia/Faac/Bauru

INTERCÂMBIO

## UNESP participa de cruzeiro estudantil

Alunos integram programa de intercâmbio cultural promovido pelo governo japonês

Luciana Barbosa Ivo, formada em Educação Física em 2005 pelo Instituto de Biociências da UNESP, campus de Rio Claro, e Fabrício Carrijo, aluno do curso de Relações Internacionais da UNESP/Franca, participarão do 18º Programa Ship for World Youth, patrocinado pelo governo japonês.

O programa é um intercâmbio cultural de 60 dias que ocorre durante uma viagem marítima. Entre as atividades realizadas estão discussões sobre temas como educação, meio ambiente, política, ONU, voluntarismo, economia e atuação do jovem na sociedade.

O navio parte de Tóquio e navega pelos Oceanos Pacífico e Índico, passando por Singapura, Índia, Quênia e Ilhas Maurício. Os alunos da UNESP partiram para Tóquio dia 9 de janeiro, onde ficaram por 9 dias. De lá, embarcaram no navio. “Passaremos cerca de dois dias em cada país, passeando e fazendo visitas de caráter diplomático a instituições”, conta Luciana.



Luclana: viagem dura 60 dias

Os propósitos do programa são ampliar a visão global, promover o entendimento cultural e a amizade entre jovens japoneses e de outras nações, além de cultivar neles o espírito da cooperação internacional e estimulá-los a colocar em prática a união e a colaboração entre os povos.

O programa acontece anualmente. O Brasil participou pela quarta vez do evento, que, em 2005, também teve a participação de Austrália, Bahrein, Canadá, Grécia, Índia, Quênia, Marrocos, Suécia, Ilhas Maurício, Tonga, Emirados Árabes Unidos e Japão. Cada país teve 12 participantes, excetuando o Japão, que contou com 120.

O Brasil foi convidado a participar pelo governo japonês. Quem intermediou o processo foi o Ministério da Educação (MEC), que distribuiu as vagas entre as universidades públicas. A UNESP recebeu duas delas e coube à Assessoria de Relações Externas (Arex) fazer o processo de seleção.

EXTENSÃO

## Projeto promove consciência ambiental

Eventos com crianças no campus de São Vicente abordam destino do lixo

Estudantes do Campus do Litoral Paulista (CLP), em São Vicente, desenvolveram, no segundo semestre de 2005, atividade de conscientização ambiental com alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Prefeito Jonas Rodrigues. A ação envolveu 63 crianças entre 10 e 12 anos e teve como tema “O lixo e as consequências de seu destino”.

O projeto surgiu por iniciativa dos alunos do terceiro ano do curso de Biologia Marinha e Gerenciamento Costeiro do CLP e foi orientado pelo docente Gelson Genaro, responsável pela disciplina Filosofia e Ética em Ciências Biológicas. “Os estudantes prepararam uma aula de 40 minutos e uma atividade prática com duração de aproximadamente 2 horas”, conta o professor.

Após a aula, as crianças, acompanhadas de duas professoras da EMEF, foram estimuladas a interagir com os temas meio ambiente e reciclagem de lixo. “Isso ocor-



Atividade com estudantes: estímulo à consciência ambiental

reu de modo lúdico, com gincanas e reciclagem de lixo previamente higienizado e separado pelos nossos alunos”, diz Genaro.

Durante os dois dias de atividades, as crianças lancharam no campus e receberam informações importantes, principalmente porque o Jardim Bitaru, bairro onde se localiza a EMEF, sofre com diversos problemas ambientais, como lixo nas ruas e nos córregos da área. Informações: ggenaro@csv.unesp.br





## Programação dos 30 anos

No dia 30 de janeiro, a UNESP completou os 30 anos da assinatura da lei nº 952, que lhe deu origem, reunindo 14 institutos isolados de ensino superior em diversas cidades paulistas. A Comissão que vem coordenando as atividades que lembram a data já estabeleceu um logotipo oficial, disponível em <http://www.unesp.br/identidade/>

Além das comemorações oficiais, promovidas pela Reitoria, a serem ainda marcadas, algumas unidades já definiram datas para eventos próprios, associados geralmente a celebrações locais.

### Março

**6 a 10/03 – FCL/Araraquara.** Celebração conjunta com a programação de recepção aos calouros.

**11/03 – FCAV/Jaboticabal.** UNESP na Praça.  
**27 a 31/03 – FE, FC e Faac/Bauru.** Palestra e mesa-redonda Plano Diretor para o Ensino Superior Público do Estado de São Paulo.

**28/03 – FO/São José dos Campos.** Comemoração conjunta com o aniversário da unidade.

**31/03 a 1º/04 – FCL/Assis.** I Encontro Paulista sobre Clonagem Animal.

### Abril

**FE/Ilha Solteira.** Comemoração conjunta com o aniversário da Faculdade de Engenharia.

**26/04 – FMVZ/Botucatu –** Solenidade na Casa da Arte; exposição de fotos históricas na Biblioteca e apresentação do Coral da UNESP.

### Maio

**7 a 9/05 – IQ/Araraquara.** IV Evento de Educação em Química.

### Junho

**21/06 – IQ/Araraquara.** Comemoração: 30 anos da UNESP, 45 anos do Curso de Química e Dia do Químico (18/06).

### Setembro

**25 a 29/09 – IQ/Araraquara.** XXXVI Semana da Química.

### Novembro

**Tupã.** Celebração durante a Amostra de Ensino, Pesquisa e Extensão.

**19 a 22/11 – FCL/Assis.** I Fórum de Biotecnologia do Vale do Paranapanema.



## Repúdio cidadão ao trote violento

JOSÉ RIBEIRO JUNIOR

Por diversas vezes, no ano de 2005, referimo-nos ao danoso e indesejável trote violento na UNESP. Neste início de semestre letivo, com o ingresso dos novos alunos, voltamos a enfatizar o grave problema, na esperança de sensibilizar a comunidade universitária unespiana no sentido de extirpar uma prática anticidadã que teima em persistir, conforme veremos.

No início de fevereiro, constatamos, por diferentes vias, as evidências de que a luta pelo fim do trote violento deve continuar, com força redobrada. Para tanto, permitimo-nos convocar todos os segmentos da nossa comunidade, especialmente uma parte de discentes recalcitrantes, aqueles que ainda não entenderam o que é alcançar a dignidade do status universitário.

Sem mencionar nomes e unidades da UNESP, tomamos a liberdade de reproduzir não só comentários de alunos ingressantes como também providências oficiais tomadas, demonstrativas da malfadada tradição acima citada. Correspondência enviada em início de fevereiro menciona, com verdadeiro pavor, as atitudes que extrapolam os valores humanos e a dignidade dos novos alunos.

Textualmente, um dos e-mails enviados à Ouvidoria diz: "Além de tais atos imorais ocorrerem no campus, fora dele se agravam: os calouros são obrigados a visitar repúblicas e, em cada uma delas, sofrem mais humilhações e são obrigados a fazer coisas abomináveis, ingerir álcool etc." Invoca as leis antitrote publicadas e pede providências para "celebrar pacificamente uma nova fase da vida..." e "...não ser obrigado a desistir do meu sonho...", terminando por manifestar sua confiança na instituição em defesa do seu direito.

Em outra denúncia digna de nota, um veterano, conhecedor da ilegalidade dessas ações, ainda com cicatrizes materiais de quando entrou na UNESP, informa os planos existentes no seu campus e promete filmar os procedimentos cruéis, demonstrando receio por ser visto como "traidor". Enumerando as práticas que geram o pavor de muitos, ele destaca a inges-

tao forçada de cachaça, pimentas e laxantes; derramamento de cera quente e de velas na pele, pintura do corpo com tinta altamente tóxica de impressora e, ainda, "afogamentos" em piscinas, entre outras violências. Isso revolta a consciência e o estômago de qualquer pessoa decente. Embora não existam provas concretas desses atos de tortura, há, entretanto, evidências dos mesmos no interior da Universidade.

Foram tomadas providências preventivas, ainda mais cuidadosas do que nos anos anteriores. A Assessoria de Comunicação e Imprensa, após consulta ao reitor, enviou, no dia 8 de fevereiro, o informe das queixas e denúncias a todas as autoridades da UNESP, lembrando a Resolução 86/1999, que proíbe fortemente o trote violento e prevê punições rigorosas à cruel e equivocada "recepção" aos calouros. Na mesma linha de preocupações, o Portal UNESP publicou, antes das matrículas, reportagem significativa, mencionando a legislação proibitiva e lembrando a resolução que institui comissões locais para "orientar as atividades de novatos e veteranos na primeira semana de aula".

Na maioria das unidades há palestras educativas, roteiros culturais e ações comunitárias. E é bom saber que algumas unidades são exemplares, tendo recebido o reconhecimento de entidades beneméritas pela execução do projeto "Trote da Cidadania".

Esta Ouvidoria tem certeza de que as práticas abomináveis são levadas a cabo por uma minoria frustrada e inconsciente do seu papel na sociedade e que pode se corrigir. Para além da legislação, acreditamos que a maioria dos alunos tem o amadurecimento cidadão suficiente para não se omitir e impedir a realização do trote violento. Os colegas ingressantes, que têm o mesmo mérito intelectual dos veteranos, merecem o seu respeito e precisam de seu apoio, isso sim, para ingressar no espírito da formação integral e íntegra dos cursos que a UNESP oferece. O trote violento deve ser repudiado e extirpado de vez, por todos nós, alunos, funcionários e professores.

### EVENTOS DE MARÇO/ABRIL

**Março e abril – Jaboticabal.** Curso Geoprocessamento da Informação. Coordenador: Antonio Sergio Ferraud. No Laboratório Didático da FCAV. Informações: (16) 3209-1300, eventos@funep.fcav.unesp.br; www.funep.fcav.unesp.br/eventos

**Março e abril – Jaboticabal.** Curso Análise Exploratória de Dados (Estatística Multivariada). Coordenador: Antonio Sergio Ferraud. No Laboratório Didático da FCAV. Informações: (16) 3209-1300, eventos@funep.fcav.unesp.br; www.funep.fcav.unesp.br/eventos

**Março a junho/2006 – Jaboticabal.** Curso Análise de Dados pelo SAS. Coordenação: Euclides Braga Malheiros. No Laboratório Didático da FCAV. Informações: (16) 3209-1300, eventos@funep.fcav.unesp.br e www.funep.fcav.unesp.br/eventos

**Março/2006 a junho/2007 – Jaboticabal.** 3º Curso de Jardinagem e Paisagismo. Aulas quinzenais, aos sábados. Das 8h30 às 12 h e das 13h30 às 17 h. Informações: (16) 3209-1300, eventos@funep.fcav.unesp.br; www.fcav.unesp.br e www.funep.fcav.unesp.br/eventos

**3/03 – Bauru.** Sessão Solene de Colação de Grau dos Formandos 2005 da FAAC. No Anfiteatro Guilherme Rodrigues Ferraz. No campus de Bauru. Informações: saepe@faac.unesp.br ou (14) 3103-6142.

**7/03 a 28/03 – São Paulo.** Curso Teoria da Relatividade para Professores de Ensino Médio. Às terças-feiras. Das 19h às 21h. No IFT. Informações: Luciana (11-3177-9028) ou lumacuco@ift.unesp.br

**7/03 – São Paulo.** Fórum Internacional Empreendedorismo de ex-alunos: os novos líderes para a governança, o desenvolvimento e a competitividade sustentável. Parceria UNESP, Fundação Mário Covas e Kennedy School of Government da Universidade de Harvard. No Club Transatlântico, Rua José Guerra, 130. Informações: www.fmcovas.org.br/forum

**8/03 – São Paulo.** Início do primeiro semestre do Curso de Extensão Universitária A Física do Século XX. Às quartas-feiras. Das 9h às 21h. Inscrições: Rua Pamplona, 145. Informações: Luciana (11-3177-9028) ou lumacuco@ift.unesp.br

**8/03 – São Paulo.** Aula inaugural dos cursos de 2006 da Universidade do Livro, com Alexandre Wollner. Tema: *Design* de livro. Das 19h às 22h. Na Universidade do Livro. Praça da Sé, 108 (Centro – São Paulo). Informações: www.editoraunesp.com.br, no link para a Universidade do Livro, (11) 3242-9555 ou universidadedolivro@editora.unesp.br

**9 e 10/03 – Assis.** Simpósio: Memória e Construção Literária na América. Local: Anfiteatro Antonio Merisse, FCL/Assis. Horário: dia 9 (8h às 23h), dia 10 (8h às 21h). Promoção: Departamentos de Literatura, Letras Modernas e História. Responsável: prof. dr. Luiz Roberto Velloso Cairo. Informações: ircairo@femnet.com.br

**10/03 – Marília.** Encerramento das inscrições para o processo seletivo do Mestrado Acadêmico e do Doutorado em Ciência da Informação – área de concentração: Informação, Tecnologia e Conhecimento. 12 vagas para o Mestrado Acadêmico e 6 para o Doutorado. Na FFC. Informações: www.marilia.unesp.br/ppgci, posgrad@marilia.unesp.br e (14) 3402-1336/3402-1357.

**11/03 – São José do Rio Preto.** XLI Encontro Regional de Histotecnologia. No Auditório A – Prédio central do Ibilce. Informações: (17) 3221-2380, (17) 3221-2400, josue@ibilce.unesp.br e mhelena@ibilce.unesp.br

**11 a 18/03 – Jaboticabal.** Gestão Estratégica de Custos. Instrutor: Nilson Cesar Donador. Das 8h às 18h (intervalo de duas horas para almoço). Na Sala 31 da Central de Aulas da FCAV. Informações: (16) 3209-1300, eventos@funep.fcav.unesp.br; www.funep.fcav.unesp.br/eventos

**13 a 16/03 – Marília.** V Semana da Mulher: Mulher e relações de poder no século XXI. Informações: saepe@marilia.unesp.br e www.marilia.unesp.br/eventos

**13 a 31/03 – Araraquara.** Inscrições para 15 encontros, de abril a agosto, no Cenpe – Centro de Pesquisas da Infância e da Adolescência "Dante Moreira Leite", sobre o processo de escolha da profissão. No Cenpe, sala 121 da FCL. Das 9h às 11h e das 14h às 17h. Informações: (16) 3301-6234.

**14, 16, 21 e 23/03 – São Paulo.** Curso A Comunicação Visual no livro, com Sylvio de Ulhôa Cintra Filho. Das 18h às 22h. Na Universidade do Livro. Praça da Sé, 108 (Centro – São Paulo). Informações: www.editoraunesp.com.br, no link para a Universidade do Livro, (11) 3242-9555 ou universidadedolivro@editora.unesp.br

**15, 22 e 29/03 – São Paulo.** Curso Como Ler uma Página, com Francisco Roberto Savioli (Platão). Das 18h30 às 21h30. Na Universidade do Livro. Praça da Sé, 108 (Centro – São Paulo). Informações: www.editoraunesp.com.br, no link para a Universidade do Livro, (11) 3242-9555 ou universidadedolivro@editora.unesp.br

**16 a 18/03 – Jaboticabal.** Curso Atualidades em Manejo Integrado de Pragas. Realização: CAP Jr. – Consultoria Agropecuária Júnior da UNESP/Jaboticabal. Informações: www.fcav.unesp.br/capjr, capjr@fcav.unesp.br ou (16) 3202-2600, ramal 2847.

**16 e 17/03 – Rio Claro.** Congresso Internacional de Biodinâmica da UNESP. Organização: Laboratório de Biomecânica e Laboratório de Avaliação da Performance Humana. Coordenadores: Mauro Gonçalves, Benedito Sérgio Denadai e Camila Coelho Greco. Informações: www.rc.unesp.br/ib/efisica/cibdina/cbindex.htm, (19) 3526-4345 e ciobiodin@rc.unesp.br

**18/03 – Jaboticabal.** Curso Biologia de Animais Peçonhentos: Serpentes, Aranhas e Escorpiões. Coordenador: Ariel Florindo S. Pereira e Willian Fernando Campos. No Centro de Convenções "Dr. Ivaldo Melitto". Informações: (16) 3209-1300, eventos@funep.fcav.unesp.br; www.funep.fcav.unesp.br/eventos

**21 a 23/03 – Botucatu.** Simpósio sobre Gramados: atualidades & perspectivas. Na FCA. Informações: sigra@fca.unesp.br ou www.phytuseventos.com.br/sigra

**25/3 e 1º e 8/04 – São Paulo.** Curso Produção Gráfica Editorial. Haverá mais um dia de visita a uma gráfica, com Márcia Signorini. Das 9h às 13h. Na Universidade do Livro. Praça da Sé, 108 (Centro – São Paulo). Informações: www.editoraunesp.com.br, no link para a Universidade do Livro, (11) 3242-9555 ou universidadedolivro@editora.unesp.br

**27/03 – São Paulo.** Curso Direitos Autorais: discussões recentes, com Maria Luiza de Freitas Valle Egea e Plínio Cabral. Das 9h às 12h e das 14h às 18h. Na Universidade do Livro. Praça da Sé, 108 (Centro – São Paulo). Informações: www.editoraunesp.com.br, no link para a Universidade do Livro, (11) 3242-9555 ou universidadedolivro@editora.unesp.br

**28 a 30/03 – Jaboticabal.** Curso Marketing em Agronegócios. No Centro de Convenções "Dr. Ivaldo Melitto". Na FCAV. Informações: (16) 3209-1300, eventos@funep.fcav.unesp.br ou www.funep.fcav.unesp.br/eventos

**31/03 e 01/04 – Assis.** I Encontro Paulista sobre Clonagem Animal. Local: Teatro Municipal de Assis. Horário: dia 31/03 (8h às 20h), dia 01/04 (8h às 12h). Responsável dr. João Tadeu R. Paes e dr. Marcelo F. G. Nogueira. Informações: epca@assis.unesp.br

**5 a 7/04 – Ribeirão Preto.** III Congresso Nacional de Serviço Social em Saúde. Tema: Paradigmas e caminhos do serviço social na atenção à saúde. Organização: USP, UNESP e Unicamp. No Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (USP). Informações: www.oxfordeventos.com.br/conasss

**27 a 29/04 – São Paulo.** 11º Congresso Brasileiro de Língua Portuguesa e 2º Congresso Internacional de Lusofonia do IP-PUC/SP, com o tema Lusofonia: Memória e Diversidade Cultural. Informações: (11) 3862-7640, 3801-4555, 3670-8528, das 12h às 18h, ippucsp@puccsp.br ou www.ippucsp.hpg.com.br

## Congresso de Biodinâmica

A UNESP promove, dias 16 e 17 de março, o I Congresso Internacional de Biodinâmica, que ocorrerá no Departamento de Educação Física do Instituto de Biociências (IB), campus de Rio Claro. Entre os objetivos do evento está a apresentação dos avanços produzidos pelo Laboratório de Avaliação da Performance Humana e Laboratório de Biomecânica do Departamento de Educação do IB. "O evento pretende ainda promover o intercâmbio entre esses laboratórios e outros centros de pesquisa nacionais e internacionais durante conferências e mesas-redondas", afirma o docente Benedito Sérgio Denadai, que coordena o Congresso, ao lado de Mauro Gonçalves e Camila C. Greco. Informações: cibiodin@rc.unesp.br ou www.rc.unesp.br/ib/efisica/cibdina/cbindex.htm (Ivan Conrado Hummel/Bolsista UNESP/Universia/IB/Rio Claro)

### Erramos

Na reportagem "Rindo da morte", publicada na página 16 do *Jornal UNESP*, edição nº 208, de janeiro/fevereiro, o nome correto do autor do mestrado *O riso da morte: manifestações do humor na publicidade e na literatura*, realizado no Ibilce/São José do Rio Preto, é Evandro Fedossi Hernandez.

# Os senhores da tradução

A partir do estudo de versões do livro *O senhor dos anéis* em língua portuguesa, dissertação mostra como os tradutores também imprimem sua personalidade no texto que produzem

**A**nalisar os numerosos fatores envolvidos na tradução de uma obra literária, levando em conta a perspectiva de uma consagrada tradutora, é o objetivo da dissertação de mestrado de Patrícia Mara da Silva. A pesquisa, intitulada *O senhor dos anéis – a tradutora na obra traduzida*, foi apresentada ao Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da UNESP, campus de São José do Rio Preto.

O estudo foi orientado pela docente Cristina Carneiro Rodrigues e focaliza a tradução feita do inglês para o português por Lenita Maria Rímoli Esteves do livro *The lord of the rings (O senhor dos anéis)*, do escritor John Ronald Reuel Tolkien. Para Patrícia, o tradutor está inevitavelmente presente no texto que produz. “Meu trabalho, ao identificar como isso ocorre, promove uma aproximação entre a reflexão teórica sobre a tradução e a prática efetiva dos tradutores”, diz.

Para isso, partiu de entrevistas fornecidas por Lenita à imprensa e trabalhos teóricos da tradutora, entre eles sua dissertação de mestrado, intitulada *As bruxas de Macbeth no ‘original’ e em quatro traduções brasileiras: a inquisição das diferenças* (1992) e a tese de doutorado *A (im)possível tradução de Finnegans Wake: uma investigação psicanalítica* (1999), ambas concluídas na Unicamp.

Patrícia comparou, ainda, a tradução de Lenita de *O senhor dos anéis* e as realizadas por Antônio Ferreira da Rocha (livros 1 e 2) e Luiz Alberto Monjardim (livros 3 a 6), para a primeira publicação brasileira da obra, lançada entre 1974 e 1979.

## O desafio dos nomes

Lenita traduziu o texto em prosa de *O senhor dos anéis* (os versos foram traduzidos por Almiro Pisetta) com a revisão técnica de Ronald Kyrmse, especialista nos escritos de J. R. R. Tolkien. Quando questionada a respeito de problemas e/ou desafios que a linguagem do autor lhe oferecia, ela mencionou principalmente os nomes de personagens e lugares.

Nesse aspecto, a tradutora deixa claro que seguiu as “diretrizes sugeridas” por Tolkien em *Guide to the names in ‘The lord of the rings’ (Guia de nomes em ‘O senhor dos anéis’)*, em que o escritor explica a origem desses nomes e sugere como eles devem ser traduzidos. “Pude então constatar que foi desenvolvido ali um trabalho de invenção filológica bastante acurado”, conta Lenita.

Tolkien enfatiza que os significados que ele atribui aos nomes em seu livro podem e devem ser preservados pelos tradutores. “Lenita disse que pôde evitar e corrigir, graças ao livro, muitas associações que poderiam ser equivocadas”, informa a pesquisadora do Ibilce.

É o caso da tradução de *gladden fields*. A expressão não se relaciona com o termo *glad* (“alegre”), como se poderia pensar. Tolkien explica que *glad* ou *gladden* se origina de *glaedene*, do inglês arcaico, e corresponde à flor-de-lis, comum nos escudos e insígnias medievais. “Portanto, traduzir *gladden fields* por ‘campos alegres’, como fez a tradução portuguesa, cria uma inconsistência para a história, já que tais campos foram alvo de uma das mais sangrentas batalhas de toda a narrativa”, anali-



sa a pesquisadora do Ibilce. “Lenita optou por ‘campos de lis’.”

Tolkien, portanto, apresenta vários nomes e suas respectivas etimologias, remetendo à língua inglesa, a outras línguas germânicas e a línguas criadas por ele mesmo, como o quenya e o sindarin. Também fornece indicações de como esses nomes devem ser traduzidos.

## Resíduos da tradução

Na maioria dos casos, Lenita seguiu as instruções de Tolkien. É o caso de Magote, *hobbit* que vivia na região do Pântano, cujo nome no texto original é *Maggot*, palavra que, em inglês, pode significar larva de mosca ou inseto.

Em seu guia, entretanto, o escritor explica que esse nome não era para ter sentido algum a não ser soar como um nome de *hobbit*.

Por acidente, *maggot* é uma palavra de língua inglesa. Sendo assim, não deve, para o autor, ser traduzido. Sem as instruções de Tolkien, a tradutora poderia ter passado o nome do fazendeiro por “Larva” ou qualquer outra coisa do tipo. No entanto, seguindo o guia, Lenita traduziu o nome por “Magote”. “Apenas o adaptou à língua portuguesa por meio da omissão de uma letra ‘g’ e do acréscimo de uma letra ‘e’ no fim do nome”, explica Patrícia.

Em outros casos, a tradutora seguiu a sua própria interpretação. É o caso de “Buckland”, lugar onde moram os *hobbits* da família Brandebiques. Tolkien declara que esse nome deve conter a palavra *buck* (animal) ou o inglês arcaico *bucc* (“veado macho”) ou *bucca* (“bode”), embora Buckland, um nome de lugar em inglês, seja derivado de “bookland”, terra originalmente mantida graças a um documento oficial.

Nesse caso, Lenita traduz Buckland por “Terra dos Buques”. Segundo Patrícia, essa opção buscou preservar o som de *buck* e a idéia de *land* (“terra”). “O nome Terra dos Buques, no entanto, possibilita a leitura de que esse era um lugar em que moravam os Buques, o que não procede, já que os habitantes do lugar eram os Brandebiques”, comenta.

A autora da dissertação aponta também os “resíduos singulares” do processo de tradução. “São ocorrências que mostram a presença do tradutor na tradução. Percebe-se a sua existência quando se faz o cotejo do original com a tradução ou quando se tem acesso a uma outra tradução do mesmo original”, afirma.

Como exemplo, Patrícia cita um trecho do prólogo do livro. Os *hobbits* são descritos como *inclined to be fat*. Na tradução de Antônio Ferreira da Rocha, aparecem como tendo “certa propensão à obesidade” e, na tradução de Lenita, surgem com “tendência a acumular gordura na barriga”. “Essa pequena diferença – a localização da gordura – não constitui um erro, mas acrescenta ao original uma informação que não pode ser a ele atribuída”, diz a autora do mestrado.

A pesquisa apresentada no Ibilce, em síntese, concebe a tradução como produção de conhecimento, não como uma forma mecânica de transporte neutro de significados de uma língua para outra. “O tradutor inevitavelmente interfere no jogo de tradução de um texto de uma língua para outra”, conclui Patrícia.

Oscar D’Ambrosio

## Obras de e sobre Tolkien em português

Autor de 34 obras em inglês, J. R. R. Tolkien tem sete obras publicadas em português: a trilogia *O senhor dos anéis*, *O hobbit*, *O Silmarillion*, *Contos inacabados de Númenor e da Terra-média*, *Roverandom*, *Mestre Gil de Ham e As cartas de J.R.R. Tolkien*. Há ainda, na língua de Camões, numerosos livros sobre a obra de Tolkien, como *Senhoras dos anéis: mulheres na obra de J.R.R. Tolkien*, de Rosana Rios; *O senhor dos anéis & Tolkien: o poder mágico*, de Rosa Sílvia Lopéz; *Atlas da Terra Média*, de Karen Wynn Fonstad; *O mundo mágico do senhor dos anéis*, de David Colbert; *Hobbits, elfos e magos*, de Michael N. Stanton e *O mundo do senhor dos anéis: vida e obra de J.R.R. Tolkien*, de Ives Gandra Martins.



As imagens desta página foram criadas por John Howe para ilustrar os livros de J. R. R. Tolkien. A obra do artista, que colaborou com a criação visual da trilogia cinematográfica *O senhor dos anéis*, dirigida por Peter Jackson, está disponível no endereço <http://www.john-howe.com/>